



Audiência Pública Políticas Públicas para as Comunidades do

SambaSP

DEPUTADA ESTADUAL
LECI BRANDÃO



**Relatório final da Audiência Pública Políticas Públicas
para as Comunidades do Samba de São Paulo, realizada em maio de 2013**

Coordenação:

Roberto Almeida de Oliveira

Organização da publicação:

Adelir Veiga e Zizia Oliveira

Organização do evento:

Assessoria do mandato da Deputada Leci Brandão

Os textos desta publicação reproduzem as falas proferidas durante a Audiência Pública. As repetições de expressões ou vícios de linguagem foram mantidos durante a edição.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA

**Palácio 9 de julho (av. Pedro Álvares Cabral, 201, 3º andar - salas 3021/3024)
Ibirapuera - São Paulo - SP, CEP: 04097-900, Tel. (11) 3886-6790**

www.deputadalecibrandao.com.br

lecibrandao@al.sp.gov.br

Facebook: [deputadalecibrandao](https://www.facebook.com/deputadalecibrandao)

Twitter: [lecibrandao](https://twitter.com/lecibrandao)

EXPEDIENTE

Esta é uma publicação do mandato da Deputada Leci Brandão (PCdoB)

Jornalista responsável

Carla Nascimento - MTB: 064/AM

Capa, Projeto Gráfico e Diagramação

Andocides Bezerra (MOVIMENTO)

2ª edição

São Paulo, abril de 2016

SAMBA DE SÃO PAULO







APRESENTAÇÃO

Há quase duas décadas, o movimento de rodas, terreiros e comunidades de samba vem se construindo em São Paulo, à margem do Poder Público e, em grande medida, para suprir a ausência de ações culturais na periferia da capital e de algumas cidades do interior do estado.

Não há dúvidas de que esse movimento é a forma mais autêntica de resistência e manutenção das relações sociais que sustentam o samba. Lugar de preservação da memória -que se renova a cada encontro-, as comunidades também são espaços fecundos nos quais são gerados novos compositores e novos jeitos de fazer samba.

O samba sempre foi lugar para se falar das lutas do cotidiano, mas foram raros os momentos em que essa fala encontrou eco junto ao Poder Público.

Em agosto de 2013, nosso mandato realizou uma audiência pública, na Assembleia Legislativa, com o objetivo de dar visibilidade às demandas dessas comunidades, pois consideramos que já está mais do que na hora de termos respostas e ações que mudem, de fato, e para melhor, o cotidiano das comunidades.

Como cantora, compositora e cidadã que sempre viveu o samba, nosso compromisso ao assumirmos um mandato como deputada na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo foi o de trazer a voz dessas comunidades para o centro da discussão política.

Essa audiência pública surgiu a partir de uma demanda objetiva da Associação de Sambistas e Comunidades de Samba do Estado de

São Paulo. Estava na hora de reunirmos essas comunidades para que, em um espaço institucional, elas dialogassem com o Poder Público para apresentar suas demandas e dificuldades e para que também apontassem caminhos e possibilidades.

Fizemos esta publicação há três anos com os votos de que a audiência trouxesse resultados positivos e efetivos para as comunidades, rodas, terreiros, batuqueiros e para todos que vivem o samba.

Agora, nesta segunda edição, podemos comemorar algumas conquistas, como a aprovação da lei 15.690/ 2015, de nossa autoria, que declara o samba como patrimônio cultural imaterial, e da lei 15.148/2013, que instituiu o Dia Estadual das Tias Baianas das Escolas de Samba de São Paulo, além do tombamento do Samba Rural paulista como patrimônio imaterial do Estado de São Paulo e seu reconhecimento pelo Condephaat (Conselho de Preservação do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico), a inclusão das comunidades de samba em eventos importantes no calendário da capital paulista e o lançamento do Guia das Comunidades de Samba.

Apesar disso, neste ano em que comemoramos 100 anos de Samba, consideramos importante resgatar esta publicação, pois algumas propostas apontadas durante a audiência ainda precisam ser realizadas.

Leci Brandão

Deputada Estadual - PCdoB



AUDIÊNCIA PÚBLICA POLÍTICAS PÚBLICAS PARA AS COMUNIDADES DO SAMBA DE SÃO PAULO

ABERTURA

ROBERTO ALMEIDA DE OLIVEIRA - BETO

Assessor Parlamentar – deputada Leci Brandão

Boa noite a todos e a todas! Importante registrar que faz algum tempo que não presenciamos este auditório lotado. Desde que a Deputada Leci Brandão assumiu essa legislatura na Assembleia Legislativa, foram poucas às vezes que nós presenciamos um auditório com tantas pessoas amigas. Portanto para nós, é motivo de muito orgulho e muita honra estar aqui com vocês para realizar essa Audiência Pública.

Nós já tivemos belíssimos eventos aqui. Todos eles tão grandiosos e importantes como esse, mas foram poucas as vezes que nos sentimos tão em casa. Falo em nome de todo o mandato da Deputada Leci Brandão, isso significa dizer que podemos ficar absolutamente à vontade para, inclusive, cometer alguns erros e algumas gafes.

Essa Audiência surgiu a partir de uma demanda objetiva da Associação de Sambistas e Comunidade de Samba do Estado de São Paulo. A Associação em diálogo com o mandato apontou algumas dimensões do Samba em São Paulo, em algumas provocações, em que as comunidades de Samba, as Associações, os Projetos Culturais, as Rodas de Samba, que não necessariamente estão dentro das escolas de Samba, que não necessariamente constroem o carnaval de São Paulo, que não necessariamente têm uma relação mercadológica

com o Samba, são essas comunidades que se reúnem e boa parte nas periferias da cidade de São Paulo, e se organizam para reverenciar e cantar, o Samba.

Portanto, essa comunidade, vem para cá, e vem dialogar com o mandato e apontam caminhos, apontam dificuldades, apontam possibilidades, e durante esses dois anos estamos avançando numa série de rodas de bate-papo em pequenos grupos.

A Deputada trabalhou bastante. É evidente que todo mundo conhece Leci Brandão, conhece um pouquinho de Samba, e em São Paulo ela tem certa facilidade no trato com o Samba, não é isso? E a partir dos últimos encontros, e em especial esse ano, houve a necessidade de ampliarmos essa discussão. Não dava mais para ficar ali na roda de bate-papo, nos pequenos encontros. Percebemos que a demanda vinha de um coletivo e que não era pouca coisa, são cerca de 80 comunidades do Samba com esse perfil, só na cidade de São Paulo, se formos rodar pelo Estado, nós temos outras “trocentas”, isso sem olharmos as rodas de Samba que acontecem voluntariamente em alguns espaços, e que na maioria das vezes o Poder público não consegue visualizar, enxergar.

A partir disso, a Deputada solicitou que organizássemos um grande encontro, um grande momento de diálogo, e daí surgiu a ideia da Audiência Pública.

E o que é Audiência Pública? Chamamos aqui representantes do Poder público onde a Deputada Leci Brandão fará mediação, como Presidente da Frente Parlamentar em Defesa da Cultura, vai dialogar com essas lideranças, com esses sambistas, com esses colaboradores, com esses apreciadores do Samba de São Paulo.

A ideia é pensarmos em possibilidades, limites e possibilidades de políticas públicas para o Samba de São Paulo a partir dessa dimensão. Portanto, convidamos para dirigir essa Audiência a Deputada Estadual Leci Brandão.

Convidamos também para dialogar junto a vocês o Secretário Adjunto de Cultura do Estado, o senhor Sergio Tiezzi. Convidamos o Secretário Municipal de Cultura da Cidade de São Paulo, representando aqui os demais Secretários de Cultura que estejam presentes, o senhor Juca Ferreira, Secretário que tem sido muito elegante e paciente conosco. Convidamos também pelo Município de São Paulo



SAMBA DE SÃO PAULO

a Secretária Adjunta da Secretaria Municipal de Promoção de Igualdade Racial, a nossa Ministra Matilde Ribeiro.

Convidamos para fazer parte dessa Mesa um parceiro que nos ajudou nesse primeiro momento de organização no processo de diálogo, Vereador Orlando Silva que é vice-líder do Governo na Câmara Municipal de São Paulo e aqui representando o Legislativo Municipal.

Queremos combinar um método diferente com as autoridades. Vamos fazer o seguinte, teremos uma saudação inicial de cada uma das autoridades presentes e passaremos para um conjunto de intervenções que a Associação apontou e recomendou para que numa rodada possamos provocar um pouco a discussão, e depois voltamos às autoridades da Mesa e em seguida passamos ao Plenário para mais um conjunto de intervenções.

As intervenções do Plenário serão de três minutos. Neste momento passo a palavra à Deputada Leci Brandão.





INTERVENÇÕES AUTORIDADES



LECI BRANDÃO

Deputada estadual - PCdoB, Presidente da Mesa

Presidente da Frente Parlamentar em Defesa da Cultura

Que Deus proteja, ilumine, abençoe a todos que estão aqui. Boa noite a quem é de boa noite, bênção a quem é de bênção e muito axé para todos nós.

Havíamos preparado uma intervenção que acho muito importante que as pessoas que estão aqui na Mesa, representantes do Poder Público, enfim, falem bem pouquinho mesmo, deem uma boa noite rapidamente, porque a finalidade hoje é ouvir o povo. A Assembleia é a Casa do Povo, e hoje a Assembleia é a Casa do Povo do Samba, portanto, estamos aqui justamente para ouvi-los. Abram os corações e falem tudo aquilo que vocês precisam falar, precisam reivindicar, até porque, vocês são bastante corajosos, principalmente as mulheres. Afinal de contas, a novela Salve Jorge termina hoje e ninguém foi ver Salve Jorge, está todo mundo aqui.

A militância dessa nova turma do Samba que está aqui presente é uma militância mesmo. Estamos agregando mais guerreiros para essa luta, guerreiros e guerreiras, senão daqui a pouco a vão falar que não falei do gênero.

Quando chegamos aqui, nas duas primeiras semanas, aliás, no primeiro mês, as pessoas diziam assim - Agora tem uma pequena África na Assembleia - e aí as pessoas passavam por mim e perguntavam o seguinte - Quando vai ter um sambinha lá, Leci, em seu Gabinete? - E eu falei, não, aqui não vai ter sambinha. A gente faz Samba, mas aqui não, aqui viemos para trazer os projetos, para ouvir as pessoas, para poder fazer um trabalho descente porque, afinal de contas, temos uma responsabilidade. Não foram poucos votos de vocês que me colocaram aqui, foram muitos, e tenho certeza que essa comunidade que está aqui me ajudou muito a chegar nesse lugar nessa noite. E quero dizer a vocês que estou Deputada, eu não sou Deputada. Sou artista e nunca vou deixar de ser. Quero deixar isso muito claro.

Também quero dar um recado. Hoje, estamos fazendo exatamente dois anos e três meses de mandato. Hoje não vamos fazer um sambinha aqui. Hoje o Samba está aqui para falar de política, para reivin-

dicar, para falar de acesso, de inclusão, de respeito e de legitimidade. Sabe qual a legitimidade? São Paulo tem Samba e do bom. É isso que quero dizer. Muito obrigada.

ORLANDO SILVA

Vereador - PCdoB

Boa noite a todos e a todas. Quero cumprimentar meus parceiros que estão à Mesa, e todos que vieram participar. Cumprimentar na pessoa do Carlão do Peruche, essa figura extraordinária de São Paulo.

São Paulo tem que se orgulhar muito!

Dizer que a Deputada está de parabéns pela iniciativa em fazer esse encontro. Os governos municipal e estadual estão de parabéns pela possibilidade de participar desse momento, e vim aqui para ouvir. Estou interessado em saber o que vocês estão pensando e tenho em minha cabeça uma ideia. A minha ideia é que devemos, na cidade de São Paulo, que é o espaço que eu milito, na Câmara de Vereadores, refletir muito, e vou aproveitar todo esse movimento de reflexão que a Leci está propondo para transformar em iniciativa de Lei na cidade, mecanismos que sirvam para fomentar, formular, proteger, desenvolver, o Samba paulistano.

Outras linguagens artísticas já alcançaram isso em nossa cidade. A lei de fomento ao teatro, a lei de fomento à dança são exemplos positivos de que quando a comunidade se junta, se une, articula politicamente, conseguimos dar sentido de permanência às políticas públicas e creio que o Samba é uma matriz, é uma tradição na cidade de São Paulo, e nosso papel na Câmara é fazer isso.

E aproveitemos porque vivemos na cidade um momento novo, um governo democrático, aberto ao diálogo, aberto à reflexão da sociedade, e temos que aproveitar esse novo ambiente que a cidade vive para conquistar mais para a nossa arte e a nossa cultura, e para o Samba de São Paulo. Muito obrigado Leci e a todos pela presença.

MATILDE RIBEIRO

Secretária adjunta - Secretaria de Promoção da Igualdade Racial do Município de São Paulo

Boa noite a todos e todas! Estou aqui representando o Secretário da Igualdade Racial, Netinho de Paula, e é um prazer, Leci, estar de novo junto contigo inventando modas.

Leci, quando eu estive à frente da SEPPIR Federal ela foi estimuladora de muitas ações, inclusive, com o Samba. Foi madrinha de um projeto bastante interessante que começou com as Velhas Guardas das Escolas de Samba do Rio de Janeiro e a nossa ideia era trabalhar nacionalmente. Então, cá estamos em São Paulo.

Portanto, São Paulo sim tem Samba do bom. Nós não só trabalhamos aqui, Juca, nós também temos Samba, e tem Leci, essa é uma junção muito importante, e vamos a escutar e ver o que dá para fazermos para que tudo acabe em Samba do bom. Obrigada!

JUCA FERREIRA

Secretário Municipal de Cultura de São Paulo

Boa noite a todos e a todas! Quero parabenizar a Casa e, particularmente, a Deputada Leci Brandão por esse evento, por uma Audiência Pública.

Audiência Pública tem uma importância grande porque é nas Audiências que o Poder Público e a comunidade estabelecem o início de parcerias importantes. Portanto, vim aqui para escutar e falar um pouco como vejo essa relação com o Samba da cidade, e abraçar aqui nossos amigos da Mesa. Orlando, fomos Ministros na mesma época, Orlando cuidando do Esporte e eu cuidando da Cultura. Ao nosso Secretário adjunto do Estado, apesar das orientações políticas diferentes, estamos tendo uma excelente relação com a Secretaria Estadual, o que permite uma boa parceria e eu acho que a presença dele aqui permite que a gente já saia daqui pensando em fazer coisas junto, não é isso?

E minha amiga Matilde, também Ministra e que está cumprindo uma função importante de representar a luta pela igualdade racial dentro do Governo Municipal. É uma batalha importante também, diária, por minuto, mas é isso.

Portanto gostaria de saudar a todos, ser o mais breve possível para iniciarmos a Audiência propriamente dita.

SERGIO TIEZZI

Secretário adjunto - Secretaria Estadual de Cultura de São Paulo

Boa noite a todos. Gostaria de saudar o Ministro Orlando, Ministro Juca Ferreira, Ministra Matilde, queria saudar fortemente a Deputada Leci Brandão pela iniciativa de não só dessa Audiência Pública, mas de trazer o Samba para dentro da Assembleia, para o primeiro plano da discussão política de políticas públicas culturais aqui de São Paulo.

Como disse a Ministra Matilde, o Samba de São Paulo é muito rico, muito bom e, por alguma razão ele nunca teve esse protagonismo, essa centralidade, o apoio necessário que deveria ter tido do poder público em todos os níveis. É uma coisa muito curiosa isso.

E acho que agora é o ponto de virada porque a representação política é importante e com a Deputada Leci Brandão, que tem uma história longa de militância nessa área, e vocês aqui presentes, talvez consigamos, a partir de agora trazer a história do Samba de São Paulo. Tem mil iniciativas muito interessantes que por alguma razão ainda não vieram. Enfim, pouca gente sabe, talvez temos uma oportunidade enorme de mudar isso, de dar uma virada que já devia ter acontecido há muito tempo.

E como bem diz o Ministro Juca Ferreira, o Ministro Orlando, a Audiência Pública serve para ouvir, ter ideias, ouvir as necessidades, críticas, onde acertamos, onde erramos, para poder aprimorar. Prioridade de política pública tem que ser expresso no Orçamento Público, então, se não tem nenhum recurso destinado, não é prioridade. Então vamos tentar virar esse jogo agora.

SAMBA DE SÃO PAULO







INTERVENÇÕES DO PLENÁRIO

JOSÉ MARILTON DA CRUZ

(Chapinha da Vela)

Boa noite a todos, boa noite Samba de São Paulo. Já estamos algum tempo nessa militância do Samba e realmente é pela primeira vez que vemos uma Audiência Pública aqui na Assembleia Legislativa e ainda com esse número de pessoas.

Pessoas que realmente estão aqui para reivindicar direitos e que sabem o que querem. Este público não é qualquer público, devido ao horário, muitos não poderão vir por que o povo do Samba trabalha neste horário.

O ano passado o Samba teve uma Virada Cultural maravilhosa e, infelizmente, esse ano nós fomos esquecidos. É claro que o Secretário não sabia e quero agradecer de antemão por nos receber e atender o nosso pedido de ter Virada Cultural do Samba das comunidades.

O que quero pedir em nome desta militância de 30 anos é que se faça alguma coisa pelo Samba. O Poder Público precisa fazer alguma coisa pelo Samba, para que não passemos tantos perreios, como os que passamos esse ano, e que não venhamos a passar mais este tipo de situação.

RAILIDIA CARVALHO

Boa noite pessoal. Fiquei com nó na garganta ouvindo o Chapinha, que é um camarada muito querido. Esse sentimento de estar sempre correndo atrás e nunca as coisas se resolvem.

É preciso olhar para estas pessoas que fazem o Samba em São Paulo. Não esse Samba que tem subsídio público, esse Samba que está na Globo, mas é o Samba que está no fundo de quintal, no terreiro de uma casa, num botequim, num centro cultural, na quadra de uma escola de Samba que abriu a porta, na porta de um bar. É desse Samba que estou falando, desse Samba num terreno baldio, em uma rua de terra, esse Samba. É esse Samba em que a rapaziada se reúne, é aquela primeira ação, a rapaziada se reunir e vamos fazer um batuque, vamos cantar alguma coisa, vamos dizer um verso, vamos expressar esse nosso amor pelo Samba.

O Samba é o que temos em comum aqui, e todo mundo falou que

em São Paulo tem Samba, as autoridades da Mesa falaram que em São Paulo tem Samba, a Deputada Leci falou que em São Paulo tem Samba e do bom.

Mas esse Samba, que foi dito por muita gente, que tem em São Paulo, não recebe a atenção do Poder Público. Esses Sambas dos movimentos culturais de rodas de Samba, terreiros de Samba, comunidades de Samba, já existem há pelo menos 15 anos. Então já passou, estamos atrasados, o Poder Público de São Paulo está atrasado em recuperar isso, em conhecer primeiro que Samba é esse, para reconhecê-lo através de política pública.

Tenho refletido e já escrevi muita coisa sobre Samba, sobre a preservação do Samba, faço isso, sou cantora de Samba, tenho uma roda que tem pelo menos dez anos fazendo o Samba em vários bairros de São Paulo, conheço muitas pessoas aqui, e as pessoas também me conhecem.

Acho que precisamos conhecer esse Samba. Quando digo conhecer o Samba é saber que Samba é esse. Que é feito em São Paulo? Que movimento cultural de Samba é esse de São Paulo?

Sabemos, por que visitamos uma roda ou outra, mas isso precisa virar memória também, precisa virar registro. A Associação de Sambistas, que é uma entidade que está se construindo de uma maneira inédita, dentro desse tipo de Samba, tem feito um esforço para mapear alguns espaços de Samba. Portanto, acho que o Poder Público que está aqui representado pelo Secretário da Cultura do Estado, pelo Secretário Municipal da Cultura Juca Ferreira, pode ser parceiro do Samba que tem essa entidade como representante legítimo para fazer um mapeamento profundo dessas rodas, dessas comunidades, porque precisamos saber quem são essas pessoas. Precisamos ter um perfil desses frequentadores, desses agitadores, desses sambistas. Então acho que essa é uma primeira sugestão.

Pode ser um esforço que envolva Secretarias diversas, não só a Secretaria da Cultura, mas também a Secretaria de Educação, Secretaria de Finanças e Secretaria de Planejamento.

Precisa ser feito um catálogo físico, um livro com toda essa informação para que, a partir deste catálogo, tenhamos um referencial para começar a ter políticas duradouras. E também como medida imediata e de longo prazo para conhecermos a nossa gente, como medida

imediate, acho que o Samba precisa ser inserido nos equipamentos culturais do Estado e da cidade de São Paulo.

Que equipamentos são esses? Os CEUs, as bibliotecas, os Centros Culturais, por que a roda de Samba não consegue tocar no CEU, nem na Fábrica de Cultura. A roda de Samba toca no boteco em frente à Fábrica de Cultura, portanto, isso é uma coisa que pode ser implementada já, é vontade política. Acho que temos grandes aliados como o Vereador Orlando, que falou e se comprometeu. Orlando é do Samba, tem um grande interesse em ser o porta-voz do Samba dentro da Câmara Municipal. Precisamos de um instrumento legislativo para fomentar e preservar e difundir a memória do Samba, esse gênero que gostamos tanto.

OTACÍLIO DA CUNHA

(Chilão da 105)

Boa noite a todos. Desculpem a voz, pois gravei o dia inteiro. Vou ser muito breve. O que está acontecendo hoje precisa acontecer muito mais, mas, infelizmente, acontece pouco.

São 34 anos de Samba, sou operário da música, produzi muitos programas e que entraram nas casas de vocês, como Band Brasil, Pagode Legal, são muitos programas. Ou seja, acredito que de música eu entendo um pouco, e de comunidade também, porque sou filho de sambista, sou músico, sou filho de músico, andei muito nos pagodes, nas rodas de Samba, na rua, na calçada, na porta de um bar, portanto o que falta no Samba?

Vejo que uma comunidade tem um som melhor para fazer a sua roda de Samba e a outra não tem isso. Para mim isso é desunião. Já que tem aqui pessoas competentes, que podem nos ajudar. É legal fazer esse catálogo, ou então todo mundo se reunir e colocar no papel o que precisa para a sua comunidade e apresentar aos representantes que estão à Mesa, que podem nos ajudar, que precisam saber da situação que estamos passando, como o próprio amigo Chapinha tentou explicar o perrengue que ele passou, sabendo que aqui tem muitas pessoas que passam pelo mesmo, e não pode falar porque a emoção tomou conta dele.

Estou há 38 anos no Samba, sou radialista, vejo muita desunião

no Samba de São Paulo. O Samba de São Paulo não está unido. Se vocês se unirem como estão agora, garanto uma coisa, muita coisa irão conseguir.

FERNANDA DE PAULA

Boa noite, meu nome é Fernanda de Paula, sou Coordenadora Estadual e Municipal de Cultura da União de Negros pela Igualdade, a Unegro. Faço parte do Coletivo Municipal de Cultura do PCdoB e sou uma militante defensora do Samba.

Sou filha do Samba, sou filha de um dos homens precursores do Samba na cidade de São Paulo, conhecido por alguns como Sr. Hélio Bagunça.

Um homem que durante toda a sua vida, durante toda a sua trajetória lutou bravamente para o reconhecimento, o fortalecimento e o respeito do Samba na cidade de São Paulo, é fundador da Escola de Samba Tom Maior e um dos fundadores da Escola de Samba Camisa Verde e Branco, e um dos idealizadores e fundadores da Embaixada do Samba Paulista, que faz parte da União das Escolas Paulistanas, que neste momento está representada pelo nosso querido presidente, na sua segunda gestão, Kaxitu Ricardo Campos.

Filha também de uma brilhante mulher, uma mulher guerreira, que juntamente ao lado deste grande homem fez com que o cenário e a realidade do Samba de São Paulo mudassem, a Sra. Maria Helena, Embaixatriz do Samba, cidadã do Samba 2012 e uma grande lutadora no espaço do Samba.

Neste cenário, nenhum inimigo no mundo destrói quem nasceu para vencer. Acho que nós nascemos para vencer, por isso, e complementando algumas falas iniciais, eu peço ao nosso Legislativo, venho reconfirmar o pedido, de um Projeto de Lei que garanta os direitos do Samba de São Paulo porque, ao contrário das Escolas de Samba, existe uma fragilidade, uma necessidade de que esses direitos sejam de fato garantidos e concretizados. Comunidade de Samba é diferente de Escola de Samba. É importante, senhores Secretários, Ministro e demais autoridades da Mesa, é importante que haja esse reconhecimento, esse entendimento.

Hoje as comunidades cumprem o papel de acesso do cidadão ao lazer, cultura e entretenimento. As comunidades vêm fazendo o pa-

pel que o Estado deveria fazer, por isso é preciso investimento social nessas comunidades, para que haja o fortalecimento das comunidades no Estado.

Precisamos, Senhor Secretário Municipal, da inclusão do Samba no calendário da cidade. É inconcebível que haja uma atividade na cidade como o aniversário de São Paulo, onde houve atividades diversas na cidade inteira, palcos diversos e não teve nenhum Samba e em nenhum lugar. Inadmissível, inadmissível! Precisamos de editais específicos com uma linguagem simples, de fácil entendimento para que também tenhamos a oportunidade de sermos contemplados. Precisamos ocupar os espaços nos equipamentos públicos. Hoje muitos deles estão ociosos, fechados e destruídos. Precisamos ocupar as Casas e Fábricas de Cultura, entre outros.

É importante que haja a descentralização, distribuição das ações do Samba na cidade de São Paulo. Por quê? Hoje nós temos 31 Subprefeituras e 46 CEUs, e em nenhum desses espaços estão sendo vistas e atendidas as necessidades do Samba. O CEU é um equipamento municipal onde, no projeto inicial, tinha por objetivo, e não sei se ainda está nesse formato, Senhor Secretário, caso eu esteja enganada o Senhor por gentileza me corrija, gerido por cinco Secretarias e dentre elas a Secretaria Municipal de Cultura, e o Samba não está incluído, o Samba não está nesses espaços, sendo que os CEUs estão nas pontas, os CEUs em uma estrutura que atende exatamente a demanda que precisamos.

Temos ao redor dos CEUs as pessoas que atuam junto às comunidades, então por que não ocupar? As comunidades têm toda a necessidade, passam dificuldades por falta de infraestrutura e não podem ocupar os CEUs. Não consigo entender.

É importante que haja uma rubrica orçamentária para o desenvolvimento das ações do Samba na cidade de São Paulo. Precisamos, Senhor Secretário, da inclusão do Samba no PPA (Plano Plurianual), precisamos ter nossos direitos garantidos. A Constituição, o Estatuto da Igualdade Racial, nos garante. Tanta luta para aprovação do Estatuto de Igualdade Racial, há mais de dez anos foi aprovado no Artigo 19 da Cultura que garante especificamente a ação do Samba, e nada disso acontece, nada disso é feito. Para concluir: "Pior do que o espelho que não nos reflete é o espelho que nos distorce". Muito obrigada!

ABRAÃO LOPES DE OLIVEIRA

(Brão Lopes)

Boa noite a todos e a todas. Primeiramente, para falar de Samba eu gostaria de poder pedir licença para os baluartes presentes aqui na Casa, as Velhas Guardas, Sr. Carlão do Peruche, Sr. Airton Santa Maria, todas essas pessoas que sofreram repressão policial para que pudéssemos cuidar desse legado. Então eu queria pedir licença para dar início a minha fala.

Gostaria de agradecer muito ao Secretário Juca Ferreira, Leci e Orlando Silva por terem entendido a nossa militância nesse último período, a qual eu entendo plenamente, e o Chapinha emocionado, passando mal, mas persistindo para que isso estivesse acontecendo. Criticar é muito fácil, ir à luta e aceitar a crítica que é difícil, então gostaria de agradecer a abertura e a compreensão que tiveram conosco.

Fernanda de Paula partiu de um princípio muito sério e muito importante. Se for falar de todos os problemas e todas as necessidades do Samba num contexto geral vamos ficar três dias, portanto, também acredito que é necessário que exista política pública, uma Lei, na qual essa Lei possa estar abrangendo e atendendo todas as necessidades das diversas vertentes do Samba de São Paulo.

Comunidades é uma coisa, terreiros de Samba está conectado, mas é outra coisa, carnaval é uma coisa, desfile de escola de Samba, em meu entendimento, é outra coisa. O Poder Público, quando contempla o Samba, pelo menos nos últimos anos, pela minha percepção, é contemplado o Samba como Carnaval, e eles não sabem. Então gostaria de uma abertura para que todos nós, num coletivo, conseguíssemos preparar um portfólio, preparar algo para que estejamos próximos do Poder Público e mostrá-los.

Sei que vai ser difícil todos frequentarem as comunidades, os terreiros, as rodas de Samba, porém nós temos como sintetizar tudo isso e poder mostrar para que o Poder Público possa entender o des-caso que está acontecendo com o Samba de São Paulo, com nosso patrimônio, com a nossa cultura maior que é o Samba dentro da nossa cidade, dentro do Brasil. Portanto, é muito importante que nos organizemos. Isso é apenas o início. Não será no dia de hoje que iremos

resolver tudo. Virada Cultural não salva o mundo, Virada Cultural são dois dias, e o restante do ano, como fica a situação?

Um dado muito importante, Wagner presidente do Pagode do Cafofo, uma das comunidades que tive o prazer de ser fundador, fez dez anos o ano passado, e já existia uma festa tradicional ano a ano devido à correria principalmente do Wagner e da comunidade. Mas o ano passado não tivemos, porque não conseguimos banheiro químico, não conseguimos a liberação do local pela CET. E o Wagner? Foi atrás. E o que ele ganhou? Não!

Agora, por que não? Por que quem tem o poder de liberar não sabe o que está acontecendo, não sabe quem é o Pagode do Cafofo, o Terreiro de Compositores, não entende que é uma cultura que fomenta o ano inteiro, diferente do Carnaval, com todo o meu respeito, mas é o ano inteiro que as rodas de Samba acontecem praticamente todos os dias. Portanto, o que gostaria de pedir é isso, é esse fortalecimento, essa união, para que possamos mostrar ao Poder Público o que é o Samba de São Paulo, e pedir que vocês possam nos ouvir mais e entender mais esse nosso universo e nos apoiar para construir um futuro melhor para o Samba de São Paulo.

MARCOS ABRAHÃO GILBERTO

(Marquinhos Jaca)

Boa noite a todos e a todas. Tudo o que foi dito aqui é importantíssimo e gostaria de frisar que as comunidades que estão presentes representam 0,001% do que fizemos. Sou legítimo das comunidades, frequento as comunidades, vou até elas, tem um trabalho reconhecido por elas, além de ter ido pessoalmente conhecer suas necessidades e o que fazem. A maioria faz projetos culturais e sociais. Muitas pessoas dão aula de música, de capoeira, de informática, fazem projetos sociais de arrecadação de alimentos não perecíveis, com isso socializam e integram as pessoas, dando-lhes cidadania, e isso é o mais importante e tem que ser frisado.

Portanto, é preciso ter um orçamento para esse tipo de gente que faz o que o Poder Público deveria fazer. Quem faz isso são as comunidades e sem ter a ajuda de ninguém. Não existe uma rubrica para as comunidades fazerem esse tipo de trabalho.

Essas pessoas que estão aqui e que representam 0,001% das comunidades que formamos no ano, totalizam 300 mil pessoas anualmente. Fui até eles, e as que ainda não fui, por favor, me convidem, por que faço questão de ir. Esta rapaziada que está aqui, faz projetos bacanas, promovem cidadania e tiram muita gente da rua, da marginalidade. A música salva muita gente, a cultura salva muita gente, e vocês devem olhar em especial para esse segmento que é o Samba. E que não tem nada a ver! Vou frisar de novo, não tem nada a ver com Escola de Samba. E muitos são oriundos de Escola de Samba e que hoje se afastaram, e não gostaria de citar o porquê.

Hoje, as Escolas de Samba também deveriam fazer esse papel e não fazem, e essas pessoas estão nas periferias, fazem com o próprio bolso. Faço parte de três a quatro comunidades, e precisamos fazer o rateio. Sou do Terreiro de Compositores, sou do Samba da Feira, sou de todos os Sambas, e se precisamos fazer algum novo evento, teremos que partir para um rateio e, por essas e outras, acabo ficando quebrado de tanto fazer rateio por causa das tantas comunidades que pertencem.

Acho que o Poder Público precisa fazer esse trabalho que nós estamos fazendo. É isso que gostaria de dizer e agradecer às pessoas que vieram e fico contente em saber que isso é uma coisa séria.

JOSÉ ALFREDO MIRANDA

(Paquera)

Boa noite a todos e a todas. Sou José Alfredo, nome de guerra Paquera. Sou presidente do Samba da Vela, mas não vou falar aqui como presidente do Samba da Vela e sim como cidadão de São Paulo. Um paulistano que, assim como Chapinha, já trabalha há muito tempo com Samba. Nós somos parceiros há mais de trinta anos, desde a época do Vai-Vai e comecei até um pouco antes no Samba de São Paulo.

Mas, o mais importante é pedir como cidadão para que essas pessoas, que nós eleitores colocamos para nos representar, olhem um pouquinho para esse povo. Precisamos que vocês conversem conosco, porque o que vejo muito é o partido, os líderes partidários conversando e determinando as coisas que o povo não pediu.

Não foram lá perguntar para nós como são as coisas, não conhe-

cem as nossas necessidades. Nós precisamos de uma lei que obrigue a ter o Samba nos eventos culturais do Estado, porque somos grandes sambistas, temos grandes comunidades.

Nós não temos esta Lei que nos coloque no cenário cultural do Estado, da cidade. Como vai ser administrado isso é outra questão. Terão ter que montar alguns Conselhos, algumas organizações, para saber o que é um samba de terreiro, um samba de comunidade, um samba de Escola de Samba, mas sem a lei que nos garanta o trabalho não vamos conseguir chegar a lugar nenhum. Sempre vamos chegar com um pires na mão pedindo para nos ajudar.

Estou junto com o Samba da Vela há treze anos, e há doze anos numa Casa de Cultura. Acho um absurdo que a Casa de Cultura seja administrada pela Subprefeitura, que recebe a verba da Secretaria de Cultura e usa a verba que era para cuidar daquela casa, daquele espaço de cultura para varrer rua, como aconteceu quando fui conversar com o subprefeito para fazer a manutenção da casa e descobri que ele falou que não tinha verba para poder arrumar o banheiro, a iluminação de uma Casa de Cultura que atende gratuitamente a todos que frequentam a mesma.

Pedimos uma contribuição voluntária, por que também servimos uma sopa no final e precisamos desse dinheiro para comprar a sopa, mas o dinheiro público para cuidar do espaço público, para receber as pessoas e para trabalho com a comunidade, não chega até a Casa de Cultura e sim para a varrição pois para eles era mais importante.

Lógico que é importante para o bairro, para o município ter a cidade limpa, mas uma Casa de Cultura é um espaço do povo, onde o povo vai buscar cultura.

Portanto, sem a Lei para nos proteger, significa não ter nada. Por isso venho pedir obrigatoriedade para sambista, para que as nossas comunidades estejam na grade cultural do Estado e do Município com participação em todos os eventos. Nós precisamos estar presentes, porque todos trabalham, todos têm esse direito, e nós votamos. Se nós votamos, queremos ser ouvidos. É um direito que nós temos e pedimos aos legisladores que prestem atenção aos pedidos e às falas do povo. Muitas vezes não estão prestando atenção e ficamos sofrendo. Obrigado.

FLÁVIA COSTA

Primeiramente quero dizer que é um prazer ver nessa Mesa duas grandes mulheres, principalmente, Matilde. Sempre faço uma grande referência à Leci, mas hoje, em especial, a você Matilde, que estava junto com o Movimento Negro e o Conselho da Comunidade Negra do qual faço parte, sou conselheira e presidente. A Embaixadora, militância do Movimento Negro, Ana, de Ribeirão, e tantas outras, mas que lutou pelo Estatuto da Igualdade Racial.

Foi uma lei sancionada que infelizmente o inimigo público, como esse outro inimigo público o Pastor Feliciano – Deputado Federal, Presidente da Comissão dos Direitos Humanos –, que se mantem, e o Demóstenes que mudou e alterou o texto.

Mas nós temos leis, sim. Nós temos o Estatuto, é a nossa Constituição, Constituição da população negra e dos povos vulneráveis. O artigo 19 dispõe o seguinte: “O Poder público incentivará a celebração das personalidades e das datas comemorativas, relacionadas à trajetória do Samba e das outras manifestações culturais de matriz africana, bem como a sua comemoração nas instituições de ensino público e privados”.

Juca, quero agradecer em nome da comunidade do Samba, que vocês acabaram de entrar nessa nova gestão municipal e que atenciosamente você abriu as portas e garantiu a estrutura para ter Samba na Virada Cultural. Portanto, nós precisamos agradecer o incentivo e a abertura ao diálogo da nova gestão municipal.

Está colocado uma grande tarefa e um grande desafio. O Estatuto da Igualdade Racial é nacional e peço gentilmente que a Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo faça a adesão ao Artigo 19, não só Artigo 19, mas do Estatuto da Igualdade Racial por inteiro.

Assim vamos começar a ser vistos. Somos vistos pelo mapeamento, porque quem está nas comunidades dos Terreiros do Samba tem cor, tem classe, não são as pessoas que estão no centro de São Paulo, não são as pessoas que têm as melhores escolas, a juventude que está na Comunidade do Samba pode ser a juventude que não vai ficar refém de represálias, seja por comando policial, seja por inúmeras outras coisas, ou a falta de acesso por uma educação de qualidade, mas são esses jovens, que esse Samba de terreiro que respeita a ancestralidade.

Acredito que podemos ser melhores, é por isso que ainda luto, e luto todos os dias. Aprendi isso com a população negra, aprendi isso no Movimento Negro e no Movimento de Mulheres, que é lutando que a gente chega lá, uniformemente e organizadamente.

Aproveito para apresentar outra sugestão: que a Virada Cultural do Estado de São Paulo consiga colocar uma cota, se tiver que ter cota para chegar ao processo de igualdade, como o teatro, a ópera, como a música erudita, também quero cota para o Samba da comunidade, quero que reverta em orçamento público, que se direcione o orçamento público para as comunidades do Estado de São Paulo.

Mas, que essa forma, mesmo sendo burocrática, venha também com as oficinas de profissionalização e formação das comunidades do Samba, que se tenha contrapartida social das duas partes.

Não vamos esquecer que nesse processo de grandes eventos internacionais quem está refém, como grupo vulnerável, são as mulheres e as mulheres das comunidades, todas elas, por serem pretas e pardas. Segundo o IBGE, negras são 52% dessa nação, portanto, precisamos ter cuidado com tráfico e a exploração sexual das mulheres, pois sabemos onde é que ela está.

Mais sugestão: que o Conselho da Virada, por exemplo, no Artigo 19 está dizendo que o Samba tem que estar representado em todos os locais, portanto tem que ter representação do Samba das comunidades no Conselho da Virada Cultural que é diferente do carnaval.

Eu fui uma das pessoas que trouxe a Liga das Escolas de Samba em Guarulhos depois de oito anos. Sabemos como é muito difícil, mas tem que ter um incentivo, que esse incentivo seja com porcentagem direcionada a todos os representantes do Estado de São Paulo, que olhem para as nossas crianças, por que se a comunidade é a defesa e pode mudar as nossas atitudes, podem também tirar muitos de nossos jovens de um caminho que eles não escolheram, mas que foram jogados lá. Portanto, nós vamos sair das comunidades e ir ao centro e levar o centro para as comunidades. Muito obrigado.

KAXITU RICARDO CAMPOS

Vou ser breve na minha fala e cumprimento a Mesa e ao público presente. Ao ouvir várias intervenções, decidi fazer alguns reparos que julgo importante. Primeiro, sou presidente da União das Escolas

de Samba Paulistanas, uma entidade que tem 40 anos, e que é Samba. Samba é Samba! Estou olhando para o Senhor Carlão, que apanhou. O Penteadado está aí também, e outros, e que apanharam da polícia, sofreram para fazer Samba.

As dificuldades e a invisibilidade que o Samba tem de forma geral, e as Escolas de Samba também, acabaram dificultando todo o trabalho. Estou vendo o Marco Antônio, que é compositor de Samba, não é compositor de Escola de Samba, é compositor de Samba, e essas dificuldades fizeram com que as próprias Escolas de Samba, em especial a pequena e a média, tivessem dificuldades enormes para que elas conseguissem levar o Samba, que na Escola de Samba, na Comunidade, no Terreiro, é levado o ano inteiro. O Carnaval é um evento que tem a sua verba, tem a sua dotação orçamentária que é pouca e é difícil também, mas a Escola de Samba e o Samba como um todo não têm e nunca tiveram, e agora estamos abrindo, através da Leci e dos demais companheiros, um espaço que a gente espera que seja definitivo.

A UESP, como casa do Samba, abrigou a Fundação da Associação dos Sambistas das Comunidades, ajudou e preparou o estatuto e recebemos os primeiros presidentes. Portanto, queria que a gente recuperasse essa verdade. A gente Escola de Samba, sambistas em geral, quem faz o Samba, e como tal precisamos de fato uma política que inclua o Samba em todas as suas vertentes, principalmente na cidade de São Paulo. Com esses novos tempos abrimos um diálogo, encontramos alguém sensível a nossa causa.

A nossa percepção enquanto UESP, enquanto Samba da UESP é que no âmbito estadual temos muita dificuldade no diálogo, e também sofremos um certo preconceito – Escola de Samba não, Escola de Samba não pode – enfim, precisamos abrir um diálogo como estamos abrindo com o Secretário Municipal, ou seja, precisamos abrir no campo Estadual este diálogo.

Os movimentos como Escolas de Samba e Rodas de Samba, sofrem muitas dificuldades, e são sempre as mesmas, como por exemplo: dificuldades para fechamento de rua, a dificuldade em conseguir um palco, a dificuldade do Samba da Zona Leste, divulgação de atividade, a falta de verbas. Não podemos pensar em uma atuação da população pobre, da periferia, sem que o Estado não esteja en-

volvido. Nós temos que cobrar e pedir apoio para o Estado. Nós não temos dinheiro!

E é o Estado, é o Governo que fomenta nossa atividade. Até porque tanto as Escolas de Samba como as outras manifestações geram movimento social, movimento cultural, envolvem projetos que tiram as crianças e os jovens da rua, dão emprego, dão formação, e as atividades geram sim economia naquela região, fomenta as pessoas, a pessoa que vai vender com uma barraquinha, que vai vender alguma coisa, uma camiseta, isso gera economia, como o nosso Carnaval também gera economia.

Portanto, acho que, para encerrar, enfatizo que precisamos abrir uma política definitiva para o Samba em todas as suas ações. Uma política que permeie o Samba de fato, atividades do dia a dia, os compositores, as pessoas que realmente produzem e fazem o Samba. A UESP ela vai estar sempre junto. Como você disse, não pode haver divisão. Então, estamos aqui nessa Audiência Pública junto com as comunidades, com os terreiros, para criarmos um caldo forte de fato, conseguirmos um espaço em nossa sociedade. Obrigado a todos.

CARLOS JOSÉ FERNANDES NETO

(Carlão)

Boa noite. Já fui Carlinhos, hoje sou Carlão. O nosso Movimento é o Movimento Cultural Samba do Sino. Nós somos do município de Guarulhos. Temos, além do Movimento Cultural Samba do Sino, que é a apresentação de Samba, temos o Bloco do Sino, que é a revitalização do carnaval de rua sem cordão, sem abadá; e a partir de junho começaremos com o nosso cursinho comunitário preparativo para o ENEM. E isso é a Comunidade de Samba, isso é o movimento cultural. Eu percebo, às vezes, que muitos políticos não leram as diretrizes básicas educacional do país, por que lá diz o seguinte: é uma questão de interdisciplinaridade. E o que vemos são secretarias que não conversam uma com a outra. Às vezes há recurso em uma secretaria, um equipamento, e não é utilizado por outra, e isso é um absurdo! E é muito fácil percebermos. O Samba do Sino tem 5 anos, temos mais de 240 apresentações gratuitas dentro do nosso espaço cultural, bancamos tudo do nosso bolso.

Há dois meses estamos indo para o Terceiro Sarau do Sino. E minha surpresa, quando lançamos o primeiro sarau, e soltamos na rede social Sarau do Sino, neste momento fomos chamados para uma reunião com a secretária de Cultura, ou dos editais, não sei o nome certo, do Estado, para discutir edital para dar dinheiro para o Sarau. Portanto, percebemos: que olhar é esse? É um olhar que não olha para o Samba. Porque no momento que anunciamos a realização do primeiro sarau, já fomos chamados para participar da discussão do edital. Isso acontece porque não existem olhos para o Samba. E isso eu não preciso estar falando aqui, todo mundo sabe, não é verdade? Agora, adianta ter uma lei? Não adianta ter só a lei. Quantas leis nós temos no país que não resolvem? Nós temos que ter é uma política pública para o Samba. Uma questão de cultura. Que cultura é essa que os nossos governantes querem, uma cultura de massa ou uma cultura popular? Porque se for cultura de massa vão continuar fazendo o que estamos fazendo, e o nosso povo nunca vai saber o que é uma cultura, e vamos prejudicar a nossa identidade cultural. E acho que nós do Samba estamos preservando a identidade cultural do povo brasileiro. Vamos acabar com esse complexo do cachorro vira lata. É muito bonito, nós estamos bem, Petrobras furando poço lá embaixo, e onde está esse dinheiro? Nós não queremos coisas pontuais não, nós não queremos ficar passando chapéu para fazer Virada Cultural, isso nós não queremos! Não queremos dinheiro para fazer showzinho e não quero espaço, eu e o meu Movimento, não queremos espaço para fazer apresentação dentro do CEU não. Nós queremos um espaço nosso, para fazer os nossos projetos e para poder apresentar o nosso trabalho. Se vamos continuar na mesma coisa aqui, o Chapinha vai continuar chorando por mais dois anos, o Paquera vai estar aqui falando que precisa fazer uma Lei e novamente por que é uma questão de igualdade, que igualdade é essa? Kaxitu, nós realmente nos reunimos lá para fundar a ASC. Muito obrigado, nos ajudou bastante. Eu acho que o que falamos com relação ao Carnaval é mais ou menos assim: o Carnaval não é Samba e o Samba não é carnaval. Acontece assim: o Samba casou muito bem com o carnaval e se fundou as Escolas de Samba, não é isso? Tanto é que a primeira música cantada no Carnaval foi uma música francesa, Os Bombeiros de Nanterre, não é isso? Não, não é uma marcha ainda, é uma

melodia francesa. Portanto se você falar assim... Porque o Carnaval não é brasileiro. Já na época de Roma já existia o Carnaval. Então, se queremos fazer alguma coisa aqui, vamos traçar uma política, uma política pública que contemple, por exemplo, uma Casa de Cultura Sambística, onde estejam englobados os Terreiros de Compositores, as Comunidades de Samba, os Terreiros, pode ser outro nome...

O importante é fazer o Samba como tem sido feito, justo... Temos uma estimativa de reunir pelo menos 500 mil pessoas nessas comunidades espalhadas por aí. Fomos ao aniversário do Berço do Samba no SESC Itaquera. Vão lá ver o trabalho. O SESC sim, está fazendo um trabalho de inclusão. Portanto, senhores, encarecidamente, ou nós discutimos uma questão de política pública e que contemple, definitivamente, a questão do Samba, nós reconhecemos, mas vocês têm que fazer assim, vamos reconhecer que o Samba é cultura popular brasileira. Enquanto nós não fizermos isso, não assumirmos isso, não adianta vir com política, não adianta vir com lei, não vai resolver! Obrigado.

SAMBA DE SÃO PAULO







INTERVENÇÕES DAS AUTORIDADES DA MESA

LUIZ DE FRANÇA PENNA

Deputado Federal - PV

Em primeiro lugar quero cumprimentar a iniciativa da Deputada Leci Brandão, cumprimentar os meus amigos do Samba e dizer a vocês que tenho a convicção de que o Samba está no nosso princípio e está no nosso horizonte futuro. É engraçado, desde que era vereador aqui em nossa cidade, ficava revoltado quando via aquela coisa assistencialista... Vamos dar um jeito para o Carnaval, arranjar uma verbinha. Quero saber qual é a indústria que gera renda em tão pouco tempo, como o Carnaval gera? E quero fazer um paralelo, aproveitando a presença do Orlando Silva, a Copa do Mundo, você viu o aparato de coisas que estão colocando na Copa? Sou a favor que tenha, mas que o Carnaval e o Samba e as outras manifestações do povo brasileiro, e os eventos, eles devem ter um aporte do Governo, da iniciativa privada, porque nós estamos atrasados. O mundo hoje é francamente favorável ao que nós fazemos. E o que nós fazemos? Economia criativa.

E o Brasil está muito lento. Há uma barreira de burrice para entender o que nós produzimos, o que geramos para a sociedade. Além das coisas culturais, educacionais e tudo mais, geramos recursos, e os artistas do Brasil, sambistas brasileiros, precisam participar ativamente do lucro gerado por seu trabalho. Portanto, a imagem na televisão, e o direito de arena? Vem pouca coisa, precisamos criar essa consciência.

Lembro-me que nos primórdios de minha vida e já vai muito tempo nisso, quando pegar um violão era coisa de malandro. Hoje arrefeceu por que a evidência da pujança do nosso trabalho, do nosso trabalho intelectual. É reconhecida como uma força da economia, e mais do que isso, é uma geração que o país está vocacionado, isso que é importante. Portanto, quero dizer a vocês que nós no Congresso Brasileiro tivemos uma luta, e separamos a Comissão de Cultura da Comissão de Educação, porque vivíamos muito sufocados. A demanda da Educação é uma coisa. Você é parlamentar Leci, e deve estar passando por isso, mas lá conseguimos separar, estamos engatinhando ainda numa vida independente da Educação, aliás, como os Ministérios são Ministério da Cultura e Ministério da Educação, não tinha porque nas nossas

Casas Legislativas a Cultura não ter a sua comissão específica. Estou representando aqui a Comissão de Cultura da Câmara dos Deputados. Deixo minha saudação e dos colegas da Comissão, e aos amigos que tenho muitos amigos ligados. Quero cumprimentar o Paulistinha, que é meu companheiro de todos os dias. Quero cumprimentar o Kaxitu de Campos e desejar a ele feliz gestão. Precisamos de paz e trabalho, organização na UESP. Ao eterno Embaixador do Samba Carlão, estou aqui dizendo a você que tenha em mim um companheiro, não podemos muito, mas brigamos junto.

Portanto, quero dar um abraço grande à Mesa toda, aos amigos todos, um prazer grande rever todo mundo, e espero que neste espaço saia algo muito positivo para o nosso povo do Samba. E sei que a Leci Brandão tem um compromisso maior com isso, e certamente sairá pela sensibilidade da Secretaria Municipal, da Secretaria Estadual, e de nossos companheiros aqui. Desejo boa sorte e muito obrigado a todos.

JUCA FERREIRA

Secretário Municipal de Cultura da Cidade de São Paulo

Primeiro, desde que eu cheguei à Secretaria, tem cinco meses, as pessoas que me procuram ou que me encontram em diversos eventos têm dito - é preciso abrir o diálogo em São Paulo, não existe diálogo em São Paulo. Eu ouvi tanto isso que criei um programa Existe Diálogo em São Paulo, e tenho feito uma série de reuniões, debates, sinceros, frontais, com as comunidades culturais de São Paulo. Algumas reuniões gerais e outras temáticas, pegando temas.

Já na primeira semana, se vocês pegarem uns dois jornais, saiu entrevista comigo, na Folha e no Estadão, e disse: quero conversar com a comunidade do Samba de São Paulo. E achei que o melhor caminho era com as pessoas que têm vínculo com essa comunidade para permitir que chegasse rapidamente a ter um diálogo importante, significativo com a maioria.

Sei da diversidade do Samba: é escola, é terreiro, são comunidades do Samba, e tem outros formatos também, todos válidos e todos com sua personalidade, sua repercussão e sua dimensão.

A Deputada Leci Brandão foi me visitar e na conversa ela disse

– estou pensando em fazer uma Audiência Pública com a turma do Samba - e eu disse que isso poderia ser o primeiro passo para estabelecermos essa construção de política pública para o Samba. Todos esses diálogos são para construir política pública. Não acredito em política pública construída dentro de gabinete de repartição pública. Política pública você tem que dialogar com os segmentos que a fazem, que exerçam aquela atividade e que conhecem o caminho das pedras.

Quando gestor vai cheio de ideia, mas não respeita a experiência de quem sabe, dá errado. Porque é, evidentemente, por mais que a teoria possa dar uma base, é quem sabe, é quem faz, é quem vive, é quem corre da polícia, é quem tem todas essas dimensões que a vida de uma maneira ou de outra envolve a produção cultural. Portanto, quero agradecer a Deputada pela visita e por essa disposição de fazermos juntos esse processo. Quando nós fomos ministro, trabalhamos muito a questão do Samba, inclusive o Samba como Patrimônio Nacional e como Patrimônio Mundial, e avançamos nisso e abrimos o início de uma política pública de cultura para o Samba. Aqui é diferente por que uma Secretaria Municipal você lida com a realidade circunscrita num território, diversa, mas circunscrita num território, e o Secretário Municipal tem obrigação de gerar serviços, atender demandas e necessidades. A diferença da ação com o Ministério é que o Ministério organiza, ou gera processos que organizam o todo, mas aqui não, aqui é serviço, é relação com o território, com as pessoas que vivem concretamente, isso gera mais dificuldade e facilita também. A dificuldade é que são doze milhões de pessoas, uma infinidade de formas de manifestação e que temos que lidar com todas. É um direito de todos os segmentos. Todas essas dificuldades que foram faladas aqui são dificuldades que estão relacionadas com a desigualdade social do Brasil e, particularmente, da cidade.

O Samba foi proibido até determinada época. Quem liberou a capoeira foi o Governo de Getúlio Vargas, já na década de 30, e até 1973 na Bahia o Candomblé era proibido. Então, todas essas proibições, interdições, dificuldades de reconhecimento da grandeza cultural fazem parte do processo de uma sociedade desigual, injusta, e que zela para manter a coesão social dentro desses princípios de desigualdade e de injustiça e de distribuição da renda produzida na so-

cidade e do reconhecimento dentro desse padrão de desigualdade.

Ninguém se engane, tem uma dimensão política por trás disto tudo. Portanto, o Brasil está passando um momento de reafirmação da cidadania, e são horas de botar na mesa todas as demandas, todas as necessidades. É evidente que o Samba tem que ser reconhecido culturalmente, talvez seja a coisa mais importante que os brasileiros façam, juntando os últimos 400 anos.

A história do Brasil está associada à história do Samba. Tem uma composição de um compositor baiano chamado Capinam que ele defende a tese no Samba. De que o Samba nasceu dentro dos porões dos navios negreiros por que demorava muito a viagem de lá para cá, um sofrimento enorme, certamente a mistura do sofrimento com a bagagem cultural que traziam já veio ali o embrião do que tornaria o Samba. Portanto é inquestionável.

O que vocês estão demandando aqui é respeito, reconhecimento e direito, não é favor, não devemos conduzir o nosso diálogo para que se faça favor para o Samba de São Paulo, porque não seria isso. Quero ajudar a contribuir para que o Samba seja reconhecido em São Paulo, já que estou Secretário da Cultura e tenho obrigação de participar desse processo. Não é nenhum favor, não é nenhum mérito, o mérito é de quem faz Samba, de quem está lutando pelo reconhecimento. O mérito está do lado de lá...

E o mérito aqui está em quem faz Samba nessa Mesa, não é isso Deputada Leci Brandão? Então, acho que vocês têm razão, e duas ou três pessoas falaram e se referiram a isso. Deveriam abrir um processo de reconhecimento do Samba como Patrimônio Cultural da Cidade e do Estado de São Paulo. Essa é a base para que nunca mais o Samba seja tratado como coisa secundária

Então pronto, vou propor aqui que façamos uma reunião festiva para apresentar a proposta à sociedade e à Câmara de Vereadores, e ao Governo Municipal, e vocês apresentam. Os protagonistas é o mundo do Samba. Tenho certeza que a Câmara de Vereadores vai reconhecer o Samba como um Patrimônio Cultural da Cidade e isso cria uma categoria específica, porque a partir desse reconhecimento passa a ter direitos legais a recursos sem precisar do favor de ninguém, não é isso? Portanto a primeira proposta que faço é essa. Segunda proposta que faço é a seguinte: é circunstancial, mas não subestimem o evento

e nem data de celebração. O Carnaval não é tudo, mas o Carnaval é muita coisa. Eu proponho que nós passemos a comemorar como parte do Calendário Oficial da Cidade o Dia do Samba.

Isso não é contraditório em tratarmos o Samba o ano todo, mas dá visibilidade, reconhecimento, afirmação social do Samba. E ainda proponho mais: o Rio de Janeiro e a Bahia comemoram, que façamos um triângulo, Rio de Janeiro, Bahia e São Paulo para que o Samba saia mais fortalecido, e que não seja só na cidade, seja nacionalmente. Estive na Bahia, fui lançar um livro junto com Gilberto Gil. Os sambistas estavam lá e me perguntaram - venha cá não tem jeito de conversarmos com sambistas de São Paulo, não? - e falei, claro, vamos fazer juntos. Daí a ideia de comemorar o Samba, o Dia Nacional do Samba e que haja um diálogo entre esses três Estados. Vamos conversar e ver qual o formato que vai adquirir.

Acho também que temos que ter uma política pública para o Samba como tem para outras áreas da cultura. Então, ao ser reconhecido como patrimônio isso facilita muito, mas tem que ter uma política. Agora, quem tem que formular a política são vocês. Temos que trabalhar juntos para ver quais são os investimentos principais que precisam ser feitos. Encampo a fala dos que me antecederam, é preciso haver união. Em todo diálogo com o Poder Público, quando a comunidade chega dividida, chega fraca, e se hoje tem do lado de cá uma pessoa que tem interesse sincero nisso, amanhã pode não haver mais... Então, todas as divergências, diferenças, contradições, opiniões distintas, quando vierem vem o Samba, é bom que venha o Samba. Por que isso fortalece o mundo do Samba. É claro que Escola de Samba é importante, é claro que Terreiro de Samba é importante, é claro que Comunidade de Samba é importante, é claro que Compositor de Samba é importante, é claro que o Cantor de Samba é importante, é claro que a Velha Guarda é importante.

Ouvi aqui uma sugestão que incorporo: pensar em um Centro Cultural dirigido por todas essas organizações, voltado para o Samba. O Rio de Janeiro tem e é importante no Rio de Janeiro, ali no centro, ter um local onde as pessoas vão dançar Samba, tem uma pauta do Samba, essa coisa é muito forte, sem subestimar os locais onde o Samba acontece. Essas coisas não são contraditórias. Tem os locais que o Samba acontece, tem as Escolas de Samba. Já fui lá

fazer uma visita e saí muito contente . Acho que já começamos a conversar. Nosso presidente que está sentado e que veio falar aqui, acho que ele é correto. Duas ou três intervenções citaram a Escola de Samba como algo fora do mundo do Samba, quando é dentro do mundo do Samba, e a Escola representa a parte mais associada ao mundo do Samba . É isso, estou falando certo? Portanto, essa união é fundamental para que esse diálogo avance. A união não quer que dissolva as diferenças. Quem não tem direito a ter opinião própria? Pelo contrário.

Fizemos um exercício agora, estamos fechando a primeira política pública desse Governo para um setor que é do cinema. Cinco patotas, grupos, articulações diferentes, eu disse não dá para acreditar que aí vão ter cinco políticas de cinema. Exercício número um, dever de casa número um: vocês precisam conversar e que tragam uma proposta. Chamei de mínimo denominador comum. Quando eles vieram trazer a proposta muito alegres, o camarada, o cineasta que veio trazer a proposta, me entregou a proposta e disse – Você pediu o mínimo denominador comum e nós produzimos o máximo denominador comum, ou seja, nós conseguimos produzir juntos mais do que imaginávamos. Portanto, nós estamos estudando a proposta que chegou para encaminhar à Câmara de Vereadores. Já temos um Vereador que vai nos apoiar de uma maneira significativa na tramitação desta política; e quero também que tenhamos ainda esse ano uma política pública de Samba para darmos entrada e para podermos exercitar os primeiros movimentos já não mais como ação isolada, mas como uma política global que de fato reconheça a importância cultural do Samba. Quer dizer o Poder Público apoie no que é possível e no que deve apoiar as atividades de Samba e que possamos comemorar o Dia Nacional do Samba como um dia oficial da cidade e dos eventos da cidade. Gostei muito da ideia de ter um Centro Cultural para o Samba. Então vamos pensar nisso, num Centro Cultural bacana. Isso já gera um dever de casa. Um Centro Cultural do Samba tem que ter por detrás uma união de todos esses segmentos do Samba para gerir, para propor o programa, para ter a pauta, para fazer um rodízio, tudo o que for possível e necessário. Isso é amadurecimento, e é para onde devemos caminhar.

SERGIO TIEZZI

Secretário de Estado da Cultura de São Paulo

Foi muito rico ouvir vocês todos. Nesta Audiência Pública, ouvir todos vocês é um aprendizado enorme. Queria fazer algumas observações. A primeira coisa que mais me chama atenção foi logo na primeira ou segunda manifestação, que essa é a primeira Audiência Pública na Assembleia Legislativa de São Paulo para tratar do Samba. Achei isso muito curioso, porque nunca ninguém fez uma Audiência Pública e trouxe o tema do Samba para o debate. Enfim, o Samba começa a descortinar a partir daí, por que ainda não há políticas públicas para o Samba? Bem estruturadas, bem organizadas, seja a nível municipal, seja a nível estadual, porque nunca virou um assunto relevante? E ganha mais importância ainda não só a iniciativa da Deputada Leci Brandão, como disse o Ministro Juca Ferreira, ela é do Samba, mas ela não é o Samba, mas ela pode realizar a Audiência Pública para tratar do Samba e para começarmos a partir deste momento esboçar uma política pública. Em tese é um assunto que rende votos, que os Deputados se interessam em trazer, enfim de se associar a isso, de trazer apoio, buscar ajudar, por que nunca ocorreu isso, é muito curioso.

Os Secretários talvez não estivessem aqui se a Deputada Leci Brandão não convocasse a Audiência Pública para ouvi-los, talvez seja o passo primordial, mais importante, para constituir uma política pública que esteja inserido o Samba.

O Ministro tem total razão, política pública não se constrói em gabinete, se constrói nesse diálogo. Tiveram algumas manifestações que falaram em mapear, inventariar, usou-se a expressão de mapeamento, isso é importante, mas, sobretudo a história rica do Samba de São Paulo que talvez não esteja contado em livros.

Conheço uma pessoa que escreveu a história do Peruche, tese de doutorado e apresentada na quadra do Peruche, uma tese com tanta audiência, foi num telão, foi muito rico, mas a elaboração da política pública tem que ser nesse diálogo aberto e muito franco.

Porque esse mapeamento/inventário, contar história é importante, mas talvez mais importante seja termos mensalmente, bimestralmente, enfim, uma reunião desta natureza para que esse diálogo permane-

ça e que possamos ouvi-los cada vez mais, quando acertamos, quando erramos, quando foi insuficiente, quando mais que suficiente.

Para nós, da Secretária de Cultura do Estado, é sempre importante que essa visão que se manifestou, Carnaval é uma coisa e Samba é outra coisa, são iguais e estão juntos, mas estão separados. Temos uma disposição enorme de buscar e apoiar o Samba, a história do Samba, essas coisas que aconteçam de forma perene ao longo de todo o ano e não só aqueles 4 dias de carnaval.

Foi difícil para a Secretaria de Cultura do Estado apoiar o Carnaval das cidades e por um motivo simples, se você apoia uma cidade você tem que apoiar todas e tem uma riqueza de carnaval no interior de São Paulo, Itapira, Amparo, Serra Negra, coisas que a gente mal desconfia.

Apoiar o Samba, tarefa da Secretaria de Estado é maior do ponto de vista que o Ministro falou do território circunscrito por que temos que olhar para os 565 municípios que tem em São Paulo e todos tem iniciativas, tem comunidades, tem roda de Samba, acho que não vi e nem ouvi manifestações de pessoas do interior do Estado.

O Estado nunca pode perder de vista o interior. Por mil razões há certa concentração cultural na capital e essa interiorização da cultura é uma diretriz, é algo que se percebe fortemente dentro da Secretaria. Na cidade de São Paulo já têm muita riqueza e as cidades do interior com 50 mil habitantes também tem muita riqueza.

Se o Estado não der uma atenção especial às cidades com poucos recursos, dificilmente prosperarão nesta área e nas iniciativas culturais destes municípios que têm poucos recursos. Temos um apreço enorme sobre a visibilidade, o trabalho e as ações que vocês desenvolvem ao longo do ano. Seja cultural, social... De iniciativa talvez tenha sido ideia do Ministro Gilberto Gil, mas seguramente foi em sua gestão, que foi sendo implementados os Pontos de Cultura, parece um dos programas mais marcantes que aconteceu na cultura nos anos recentes.

Porque aqui em São Paulo, na época do Ministro Juca Ferreira, fizemos um convênio, temos 300 Pontos de Cultura nesse momento e tem outras ações do Ministério com os municípios, e são pontos, locais onde se produz cultura, que têm uma fragilidade institucional histórica e que isso serve, não só para dar algum recurso, mas

para buscar ferramentas para que se desenvolvam, criem musculatura e avancem.

Sabemos sobre um pequeno mapeamento nos dias de hoje que existem 300 Pontos de Cultura. Na época tinham de 500 a 600 inscritos, aproximadamente. O orçamento só era possível atender 300, mas 300 é um número significativo, então é necessário discutir valores e renovar o convênio. Não podemos retroceder e este é um posicionamento da Secretaria de Estado em relação ao Ministério. Queremos recursos que tivemos quando o Juca Ferreira era Ministro, quando conveníamos, ou seja, temos que ir para frente. Se são 300, queremos 400, 500 ou 600 Pontos de Cultura.

É uma iniciativa que julgamos muito marcante, apesar de ser um tipo de política pública muito difícil, mas devemos garantir independente de qual ministro assumir, manter o programa Ponto de Cultura pela sua relevância. Outro aspecto é sobre as Fábricas de Cultura e de ter a presença do Samba inserido nelas. A Fábrica de Cultura é um projeto que temos muito apreço. São centros culturais na periferia de São Paulo, lugares que foram definidos pelo índice de vulnerabilidade juvenil da Fundação Seade, onde os indicadores sociais eram mais precários, como: Brasilândia, Vila Nova Curuçá, Cidade Tiradentes, Sapopemba, Itaim Paulista. Devemos chegar a 10 Fábricas de Cultura, já inauguramos 8 e faltam 2 a serem inauguradas. É um projeto em gestação. Agora que elas foram inauguradas, estamos descobrindo quais são as ações. Tem um foco muito grande em informação cultural, tem um conjunto gigantesco de cursos para jovens a partir de 15 anos, mas as Fábricas de Cultura estão lá para as comunidades. Não será a Secretaria que vai decidir o que vai acontecer, mas sim quem está lá, no entorno, se apropriando da Fábrica de Cultura e poderão por samba, hip hop. A Fábrica de Cultura é da comunidade e queremos que seja incorporada cada vez mais. É um projeto em desenvolvimento, no nascedouro, e pode ser muito útil para toda a comunidade.

Do ponto de vista de política pública, queremos reiterar que pode ter lei e pode ter um Centro Cultural. Tudo é importante, tudo é válido, agora prioridade de política pública não existe outra forma de se expressar se não for expresso com clareza no Orçamento Público, seja do Município, seja do Estado. Pode ter lei e ter zero

recurso, não adiantou nada a lei. Precisa e deve estar no PPA e isso é importante. Tem que haver iniciativas necessárias para abrir o diálogo e ouvi-los, desenhar tais iniciativas e apoios. Enquanto não tiver recursos bem desenhado e crescente, num ano X, no outro ano 2 X, nunca será prioridade e sempre estaremos aqui em busca de uma política pública. Não adianta ter um bom desenho se não houver recursos definidos.

Um bom desenho de política pública pode ser desenhado por três de vocês que têm conhecimento profundo do Samba, e escrever um bom documento e desenhar e aprovar na Assembleia. Se não tiver recursos orçamentários para isso, não vai acontecer nada, vai ser letra morta e não é isso que queremos. Essas coisas são construídas e aprovadas.

O ProAc é um programa de incentivo que tem duas vertentes: o ProAc Edital, um programa clássico de fomento e financiamento à cultura, historicamente constituído; e o ProAc ICMS, que é a parte de incentivo fiscal. O que há no ProAc Edital são editais abertos de variados temas de acordo com a disponibilidade de recursos. Houve reclamações de falta de diálogo com a Secretaria e tem que reclamar mesmo e pressionar para que exista esta comunicação e diálogo aberto para buscar as fontes que estão disponíveis na Secretaria de incentivo à cultura.

Existem editais específicos para cada vertente. No ProAc ICMS é diferente, a gente aprova recursos, aprova a disponibilização do recurso no mercado. O que existe são limites para o Patrimônio Histórico, para o Cinema, e têm certos limites, certos tetos para que não venha um projeto e leve parte dos recursos.

O Patrimônio Histórico acaba sendo muito mais investido. O teto é maior por que no fundo é restauro e acaba sendo uma coisa maior, custosa, mas a falta de um edital de Samba, isso me parece um problema, por que nunca ninguém pensou em uma Audiência Pública, por que nunca ninguém pensou em um edital para Samba?

O bom dessa Audiência Pública é que é possível criar e receber opiniões e certas ideias que aparecem e que podemos incorporar a partir deste momento. Estamos muito empenhados, e a Deputada sabe disso, em buscar mais recursos para o ProAc Edital, que enfim ele ficou muito para trás do ponto de vista de orçamento do que o

ICMS. Queremos pelo menos quadruplicar até o final da gestão, porque é uma forma de apoio e nos parece relevante. Queremos o apoio de vocês, a Deputada sabe disso e está nos ajudando enormemente.

A Deputada tem apresentado Emendas Parlamentares muito importantes e gostamos muito de avançar, porque percebemos a seriedade do trabalho das Emendas apresentadas pela Deputada e eis o embrião da estruturação das ações de políticas públicas mais consistentes, mais desenhadas, definidas no Orçamento e não só de Emendas Parlamentares, mas de outras formas as quais podemos avançar. Porque em qualquer nível de governo muitas das ações são derivadas da demanda social. As demandas se manifestam e pressionam o Poder Público como, por exemplo, o trabalho na Secretaria de Cultura de Guarulhos.

A Secretaria de Estado da Cultura não desenvolveu quase nada de ações culturais porque é o segundo Município e por estar ao lado da capital, nunca houve uma conversa, não houve iniciativas das duas Secretarias e há pouco tempo a cidade de Guarulhos nos procurou e existem demandas. Por isso, Audiência Pública dessa natureza e diálogos abertos e francos como estes são relevantes, importantes, porque abrem, arejam o pensamento, oxigenam as ideias, demanda o Poder Público de forma legítima, e é isso que talvez seja a coisa mais relevante desta noite.

Estamos disponíveis para conversar, mas se não fosse a iniciativa da Deputada em colocar os dois Secretários nesta audiência, talvez não tivéssemos aberto estes caminhos e estas novas perspectivas. Foi preciso a iniciativa da representação política para trazer para a Mesa um tema que de fato ficou negligenciado esse tempo todo. Foi muito importante o fato de ser a primeira Audiência Pública sobre o Samba.

LECI BRANDÃO

Deputada Estadual - PCdoB, Presidente da Mesa, Presidente da Frente Parlamentar em Defesa da Cultura

Tivemos Deputados nesta Casa, como Vicente Cândido, que fez algum trabalho nesta área. Tivemos Dona Theodosina, o saudoso e querido Zé Cândido, Adalberto Camargo e outros negros.

O que me incomoda um pouco é ouvir alguns comentários que

isso que estamos fazendo é pra render votos. Gostaria de esclarecer e dizer que não era o meu objetivo entrar na política e concorrer ao cargo de Deputada, mas muitas e muitas pessoas conversaram comigo e assumi este compromisso com o povo. Mas sempre toquei meu pandeiro e meu tantã. Talvez tenha sido reconhecida ao chegar aqui porque sou uma compositora, nunca sou chamada de compositora, mas sempre sambista Leci Brandão.

Quando comecei na primeira roda que fiz, me desculpe o poeta, recebi uma grande quantidade de pessoas que me atacaram por que estava desrespeitando Vinícius de Moraes, acho que foi uma brincadeira, disse que São Paulo era o túmulo do Samba, e fiz um Samba junto com o príncipe do pagode verdadeiro que é o Reinaldo, e que diz - o poeta falou que São Paulo enterrou o Samba, que aqui não tinha gente bamba e eu não entendia o porquê, fui à Barra Funda, ao Bexiga e na Nenê, foi isso que fizemos.

Depois deste episódio me tiraram do carnaval porque os bacanas começaram a desfilar e falaram – ela não fala o nome dos artistas, ela não fala de não sei quem, ela não fala da madame – tenho que falar do povo do Samba. Fui tirada do carnaval, literalmente tirada!

Então, alguém da emissora comentou que levaria Leci Brandão para São Paulo. Em 1988 fui comentar Carnaval na Tiradentes, antes tinha São João, mas nessa época ainda não estava comentando, mas na Tiradentes quando via o povo, Juca, empadinha para cá, ossinho de galinha para lá, café, ali na arquibancada, que era o Carnaval que conheci era assim, vi as pessoas cantando Samba, grandes cantores, grandes compositores, grandes intérpretes, falei assim – que coisa linda! Aqui tem um carnaval – e passei a ser comentarista naturalmente.

Quando voltei tinha o Sambódromo, e o que eu fiz? O mesmo trabalho que eu fazia no Rio de Janeiro, que é identificar as pessoas das Escolas de Samba, porque ninguém falava o nome de ninguém, e comecei a pesquisar, visitava as quadras, os barracões e os ensaios técnicos, com um livro e caderno embaixo do braço, escrevendo tudo, sabendo o nome de todo mundo, então ficava aqui, por que nós não podemos ver o carnaval, vemos no monitor. Aparecia, por exemplo, Fernanda, aqui está passando Fernanda e não sei o quê, e tinha que ser rápido porque você não pode falar muito. Não tinha aqui o esquentar

da saída das Escolas, ninguém mostrava o grito de guerra. Pedimos, mas ninguém anunciava que tinha ensaio. Pedimos muitas coisas, mas infelizmente, porque sou muito pequenininha, sou muito fraquinha, não ganhamos nada.

Saí do Carnaval e está todo mundo reclamando porque agora ninguém fala mais o nome de ninguém, e várias outras reclamações, mas são coisas que não posso resolver.

Como fui eleita Deputada, estou resolvendo da maneira que posso. De maneira humilde e muito simples, mas estou incluindo as pessoas que são os protagonistas, os grandes atores, frente às autoridades públicas. Sou deputada que só pode fazer lei e, ainda assim, quando faço as leis que podem beneficiar o povo, o samba, a cultura, são vetadas. Por isso a importância da presença dos Secretários, pois agora as nossas reivindicações podem andar. Se Deus quiser, e os Orixás também, vai mudar!



INTERVENÇÕES DO PLENÁRIO

FERNANDO PENTEADO

Boa noite a todos, boa noite aos integrantes da Mesa, à Deputada. Desejo saúde e paz a todos nós.

É um prazer estar aqui. Vim agradecer e, ao mesmo tempo, fazer uma cobrança às autoridades. Agradecer a quem organizou e teve esta iniciativa importante de realizar a primeira Audiência Pública e com uma mesa seleta de pessoas importantes e que podem resolver muitas coisas na área da Cultura, especificamente o Samba.

Mas também quero dizer a vocês que em 1914 um senhor chamado Dionisio Barbosa fazia o primeiro movimento de Samba em São Paulo. Então, tudo o que vocês estão fazendo não é novidade, não foram vocês que inventaram. Em 1928 tinha no Bexiga chamado Cai Cai 28, Henricão. E quem não conhece Henricão? “Quem parte leva saudade de alguém...”

Essa música é de Henricão e acho que poucos de vocês sabiam! Tino Guariba, 1928, estou aqui há 5 anos, 10 anos, estou inventando a roda. Já faziam isso, chegamos aqui no século XVI, no navio negreiro. Chegamos aqui fazendo Samba. Então, o que vocês estão fazendo é de se louvar. Parabéns, vocês são jovens, mas vão conhecer, vão beber na raiz. Os senhores fazem Samba de raiz, sem falar com a raiz e a raiz está lá.

Todo mundo fala que faço Samba de raiz, mas não bebe na fonte de raiz, raiz viva aqui. Eu faço Samba de raiz, o Senhor Carlão está ali, alguém bebeu na fonte dele? Eu bebi, graças a Deus. Fui batizado em Pirapora e ele estava em meu batizado. Estou mentindo Sr. Carlão? Tinha dois anos de idade, estou com sessenta e seis. Minha parceira, nós somos Cidadãos do Samba juntos.

Novo, desfila sessenta anos numa escola de Samba, numa única Escola de Samba que é a Vai-Vai, há sessenta anos! E os senhores estão dizendo que descobriram a roda. Estou fazendo Samba há dez anos, estou há dez anos. Faço samba há sessenta. Senhor Carlão, bebi na fonte dele. Por isso que digo, fazem sim Samba de raiz, parabéns por você estar aqui fazendo Samba de raiz, mas beberam na fonte e raiz que está aqui viva, Senhor Carlão, Marco Antônio que está ali, Zona Leste, Marco Antônio, está ali o Santa Maria, Camisa Verde e Branco, está ali a raiz. Eu faço Samba de raiz, beberam nessa fonte?

Então o nosso problema é esse, nós temos que primeiro nos frutificar, como frutificar? Conhecendo-nos, ter prioridade divina, faça Samba, e volto a falar para vocês, parabéns! Quando minha xará Fernanda estava falando, represento a Secretaria e não sei o quê e nós estávamos falando, o Paquera, ela tinha que apagar tudo isso. Fala que é filha do Hélio Bagunça só isso, sou fulana, não, se ela falasse sou filha... acabou, está apresentada, está credenciada para falar o que quiser, porque o pai dela, meu amigo, falecido amigo...

Vamos embora... Que nós brincávamos nessas rodas de Samba, e alguém falou aqui de se fazer um Centro Cultural do Samba, é legal, mas o que acontece é que nós damos um monte de ideias, eles roubam a nossa ideia. Fazem sim, vamos fazer o Centro Cultural do Samba, vamos fazer sim, uma ideia boa, tem verba, mas chega lá e sabe quem vai nos atender? O Isaac Karabtchevsky, nunca viu Samba na vida dele, e ele é que nos vai atender.

Vai ganhar dez mil reais por mês, quinze mil por mês. vou pôr o Isaac Karabtchevsky por que o sambista não tem direito de sentar. A ideia é nossa, só um instantinho... O Sambódromo, Senhor Carlão, nós fizemos isso para fazer o Sambódromo, para estar lá onde está hoje, aí vem a Dona Paulistur, na época, vem de mansinho, dá licença, sambista vocês vão aqui fazer o Samba aqui em frente ao Anhembi, porque o Anhembi ia só até a rua onde tem os taxis, para frente não é o Anhembi, tanto que o Anhembi, para quem não sabe, tem dois CNPJ. Então, vamos fazer o seguinte, como estamos aqui perto, vamos administrar com vocês. Caímos no conto do vigário outra vez e como vamos cair agora. Vai vir o Isaac Karabtchevsky comandar o Centro Cultural, aí o Anhembi entrou vamos comandar, e vou administrar e hoje nós estamos onde? Nós não entramos no Anhembi, que é Polo de Arte e Cultura Grande Hotel. É isso aí, já teve gente que quis mudar o nome, e nós não entramos lá, o sambista de Escola de Samba não entra no carnaval. O senhor Carlão fica fora.

Portanto, é isso que nós precisamos, autoridades presentes, é isso que nós precisamos, Vereador, realmente criar o Centro Cultural de outros espaços, mas sob o nosso comando e não do Isaac Karabtchevsky.

Sabe qual o maior defeito que nós temos? É difícil isso também, mas vocês vão entender. O maior defeito do sambista, o maior defeito da comunidade negra é termos escrupulos, sabe por quê? Por que eles

não têm escrúpulos, eles passam por cima de qualquer um, e nós não passamos, nós acreditamos no tapinha nas costas. Esse aqui é meu irmão negão e é assim que a gente dança, é assim que o Samba dançou. O problema é que enquanto o Samba é ilícito, enquanto as coisas são ilícitas, é coisa de negro, passou a ser lícito, o branco toma conta. Este é o problema.

Vou terminar dizendo assim: “No tempo que o Samba era Samba não tinha caô, no tempo que o Samba era Samba não tinha dotô, só tinha sambista de verdade e os dirigentes eram da comunidade. Hoje o Samba está repleto” – presta atenção – “de cobra mandada pronta para pular nas costas do velho sambista dizendo que o Samba ele vai consertar. Ser sambista é um dom divino, é para quem pode e não é para quem quer. Se você não é do Samba, sai de mansinho enquanto dá pé. E eu respeito a Velha Guarda, pois quem mantem a tradição para pisar nesse terreiro tem que ter muita tradição. Um aviso aos jovens sambistas, fica esperto com o sambeiro por que se você vacilar eles lhe põem para fora do terreiro”. Obrigado.

Temos que baixar a cabeça e pedir bênção. Em terreiro é assim, se pede bênção aos mais velhos e vamos embora. Sabe o que é isso Secretário? É demanda reprimida, é muito tempo sem o Estado nos ouvir, então tem muita coisa para falar e tem muita coisa boa.

ANA REGINA GOUVEIA

Boa noite a todos! Quero parabenizar a Deputada por mais esse evento e essa discussão muito rica e que é de suma importância. Sou da área da educação, fui professora da rede municipal e estadual, professora de matemática e atualmente gestora de comunicação e tenho um estudo de pesquisa em relação ao Samba e às Escolas de Samba. Quero me dirigir primeiramente aos Senhores Secretários, pois foi importante a participação dos Senhores, por que anteriormente eram sempre representantes, então ficamos felizes de estarmos perante os Secretários.

O que quero falar, encaminhar aos Secretários, é maior divulgação de nossa cultura popular, porque em Aparecida tem um evento grandioso que é a Festa de São Benedito e são 50 congadas ou mais, mas só se conhece lá e é a nossa raiz, a nossa identidade, o jongo, e aí

por último falar do Samba. Como professora, a minha parte vai diferir um pouco de vocês, mas ao mesmo tempo não dá para separar cultura e educação, elas caminham juntas, porque se a nossa cultura, e principalmente aqui em São Paulo, não está como gostaríamos que estivesse, também nas escolas tem que ser trabalhada essa cultura, então estou pedindo já esse encaminhamento, porque o Carnaval passa pela cabeça que é uma festa, mas não passa pela cabeça que é uma festa popular da nossa cultura, que o negro trouxe.

E em relação às Escolas de Samba, estou vendo que estão bem unidas porque mesmo sendo da educação eu sei, desfile, então em relação às Escolas de Samba, que elas divulguem também essa cultura de nossos ícones, que fizeram parte das Escolas de Samba, essa história da Escola de Samba de São Paulo, porque ao sair de São Paulo as pessoas acham que não tem história, Carnaval não tem história.

Como podemos agilizar tudo isso se não passamos aos jovens e para as crianças toda essa cultura, porque esses jovens que estão tocando nas baterias eles estão nos bancos lá da escola. Quando lecionava na região de Pinheiros havia alunos, eram da bateria da Tom Maior. Eles participavam das Escolas e eram meus alunos, então não dá para separar, tem que ser trabalhado nas escolas porque não adianta só fazer evento se você não trabalhar a história, para que essa cultura permaneça como em outros países, vá passando de geração em geração.

RENÉ SOBRAL

Beleza, beleza, beleza... Boa noite à Mesa, boa noite Leci, boa noite Juca. O lance que vou falar a todos aqui é que o sentimento de todos aqui parece que é o quê? Nós precisamos fazer a coisa acontecer, não é verdade? E a coisa acontecer é assim, nós já fazemos o nosso Samba, já estamos vivendo, fazendo o nosso Samba do jeito que fazemos, passando o chapéu, fazendo rateio, cobrando uma portaria, dependendo do projeto que for, ou seja, estou sentindo isso, estou com isso no coração, Chapinha se emocionou também, eu acho que o que precisamos fazer, e tem que ser logo, porque não aguentamos mais tanta falação, tanto isso, tanto aquilo. Fiquei muito feliz ao saber da Audiência Pública, porque nunca partici-

pei de uma Audiência Pública do Samba, primeira vez. Sou novo e também nunca tinha conversado com o Secretário de Cultura do Município, que tivemos oportunidade através da articulação do gabinete da Leci, do gabinete do Orlando, fomos lá e nos receberam carinhosamente, muito bem, e ouviu o sambista. Ou seja, nós estamos conquistando algumas coisas, coisas que os negros velhos do Carnaval já vêm batalhando. Se hoje existe um Sambódromo, que é um espaço garantido, a luta é deles, porém, nós estamos começando agora nesse lance do Samba. E temos que mostrar a nossa indignação com o que vem sendo feito com o samba em geral, carnaval, jongo, samba de partido alto, é tudo Samba, porém tem as organizações, as comunidades não estão se organizando para vir agora bater nesse povo aqui? Bater no bom sentido, cobrar.

Portanto, acho que é isso, os cantores e cantoras de Samba têm que pegar o pessoal dos bairros e se reunir. Temos que participar, cobrar das subprefeituras nos bairros, acha que é fácil? Quer resolver o problema de falta de entretenimento? É o que o Governo tem que propor? Quer resolver? A Prefeitura está aqui, fizeram subprefeituras para não sobrecarregar o homem lá, então por que na subprefeitura que já está descentralizado, já está no bairro, já tem o Secretário e algum assessor de cultura, por que lá não pode mapear esse povo e botar palco no final de semana para o povo do beleza, beleza, beleza...feita. Por que esse povo que está no anonimato não pode fazer o seu Samba para mãe dele olhar e pensar - poxa meu filho que fica ensaiando na pracinha, e não tem oportunidade de estar nos palcos - Nunca tem! Portanto é muito difícil, ficamos indignados e tristes, por que cada um vai correndo para o seu lado, e aí se torna a desunião do samba, cada um faz o seu, e nós não devemos fazer isso, temos que pensar no coletivo, inclusive, as comunidades que já são organizadas ajudar as que são pequenas e não são organizadas, a entender essa política de como é? Como é o social?

Por que a comunidade tem esse efeito, eu não posso falar de meu projeto René Sobral de uma comunidade porque é dentro de um local privado, porém, pago aluguel para fazer o meu terreiro e todo mundo que vai lá contribui com o quê? Tem que pagar a entrada porque eu tenho que pagar os cachês, os músicos têm que receber, têm que ganhar, têm que ser valorizado, como o Secretário de Esta-

do falou, não adianta fazermos leis e não ter verba. Portanto, vamos cobrar verba, ter dinheiro para o Samba se manifestar, espalhar nos bairros através de palcos onde os músicos vão poder ganhar o seu cachê honestamente. É isso que está no coração de todo mundo, tenho certeza que é.

JULIA SARAGOÇA

Boa noite pessoal! Quero saudar todos os sambistas e em especial a nossa Velha Guarda. Aqui as pessoas falaram bastante de que o Poder Público não tem olhos para nós...

Meu nome é Julia Saragoça, não pertença a nenhuma Comunidade de Samba especificamente, mas a todas e em especial a minha Camisa Verde e Branco inseparável. Fiquei com essa coisa na cabeça de que o Poder Público não tem olhos para nós e etc. e tal.

Acho que tínhamos que começar a pensar que quem tem que estruturar essa política pública somos nós mesmos, somos nós que temos que nos reunir e debater isso, haja vista o exemplo que vem acontecendo lá em meados do século XX que tentaram oficializar o Carnaval, diga lá Senhor Santa Maria, vamos oficializar o Carnaval de São Paulo e fizeram uma lei aos moldes do que era o Carnaval do Rio de Janeiro, e falaram vamos incentivar as Escolas de Samba, só que eles não perceberam que aqui em São Paulo não existiam Escolas de Samba, existiam cordões carnavalescos, e aí os cordões carnavalescos tiveram que deixar de existir e passaram a ser Escolas de Samba para poder ser fomentado pelo Estado e passar a existir. Ou seja, mudaram toda a estrutura, impuseram outra cultura e nós nem percebemos, como dizia o nosso querido Nelson Sargento.

Portanto, quem tem que estruturar isso somos nós, certo? Porque nós sabemos quais são os problemas, quais são as nuances e quais são as diferenças entre nós, e quais tem que continuar existindo. Porque a diferença não é ruim, nós temos que garantir que cada uma dessas expressões têm que estar garantidas. Essa lei, que acho que tem que ser lei e não ser edital, para não estar à mercê da vontade desses ou daquele governante. Tem que ser uma lei que contemple vários editais por ano, inclusive. Tem que ser uma lei que contemple quem não está sendo contemplado no mercado, quem não está sendo con-

templando nas leis de isenção fiscal, na Lei Rouanet, e tal, para que não seja preciso ficar passando pires nas grandes empresas, para o setor de marketing de a grande empresa dizer seu trabalho é ou não favorável à política de marketing deles, certo?

Desculpe, mas é aquela coisa da demanda reprimida, mas tenho mais algumas coisas aqui para falar. Temos que ter uma lei que contemple não só as nossas atividades permanentes durante o ano, de cada uma das nossas comunidades, que garanta a estrutura para que elas aconteçam, mas temos que também ver. Diz-se muito por aí que hoje em dia não se faz música de qualidade, temos que ter também espaço e dotação orçamentária para os nossos compositores, pois São Paulo tem muitos compositores fazendo Samba de boa qualidade e que não têm espaço para garantir e registro de suas obras, de divulgar as suas obras...

Por último, sobre o Samba ser considerado um patrimônio imaterial do Brasil, acho que isso tem que ser levado muito a sério, Leci, para além de gravarmos o nosso sambinha aqui, gravar o nosso cedezinho ali, nós temos realmente que enxergar o Samba como patrimônio, nós temos que ter editais que contemplem projetos que visem a preservação do Patrimônio Histórico do Samba, fomente as atividades das nossas Velhas Guardas. Por que não falaram disso até agora? Não entendi ainda. Fomentar e estruturar as ações das nossas Velhas Guardas, porque as nossas escolas de samba não estão dando estrutura para elas. E projetos que garantam a transmissão do conhecimento acumulado por essas comunidades. Tem muita gente que sabe tocar cavaquinho maravilhosamente, tocar flauta, percussionistas, tem muitos artistas que podem transmitir o saber com uma qualidade inenarrável.

E por último é dizer que além de nós estruturarmos e pensarmos quais são as políticas que nós queremos, as pessoas que vão julgar esses editais também têm que ser eleitas por nós. Como disse o Senhor Penteado, nós sabemos quem entende do assunto. É mais ou menos por aí. O tempo acabou, mas... Esse é o nosso recado.

FLÁVIA OLIVEIRA

Boa noite amigos, boa noite à Mesa. Meu nome é Flavia Olivei-

ra, sou cantora, compositora, agitadora cultural aqui de São Paulo. Aqui tem muitos amigos presentes. O que quero falar aqui é objetivo e importante. Estamos aqui diante de mestres e nós somos os aprendizes, e somos mesmo Penteados, os aprendizes. E por sermos aprendizes nós nos apropriamos da história deles, da marginalização do nosso Samba e fizemos diferente, nós viemos aqui para falar de políticas públicas.

Quero dizer que represento um coletivo que se mistura em vários outros coletivos que estão presentes nesta audiência, um coletivo diferenciado, Leci, um coletivo que tem conhecimento da política pública, que acompanha a verba destinada a isso, que acompanha os editais da cultura, que fomenta e escreve projetos e aprova. Hoje nós administramos mais de doze projetos aprovados, que não funcionam. Estão aqui meus parceiros Marquinhos Jacá, Marquinhos que estão comigo nesses projetos, e o que tenho para dizer é que nós temos conhecimento da política pública, temos representação jurídica, somos completamente diferentes da nossa raiz no sentido de nos apropriar de tudo o que eles passaram e que nós não queremos passar, então fazemos projetos, vamos atrás do que vocês já propõem, e nós não conseguimos executar, não conseguimos!

Poderia ter vindo aqui com inúmeros documentos que comprova o quanto já fomos atrás, da forma como hoje vocês estruturam e propõem e não conseguimos. Portanto, o que peço encarecidamente para Mesa e que para além da revisão de nossa política pública vamos prestar atenção em quem a executa lá embaixo, porque nós temos a desconfiança hoje de que, apesar de toda a bagagem cultural que hoje conseguimos traduzir no papel em inglês, francês, espanhol e o que vocês quiserem, não estamos conseguindo chegar lá, e desconfiamos de coisas horríveis como tráfico de influência, desvalorização, nós não podemos passar por isso, nós temos excelentes trabalhos estruturados com a política pública atual e não conseguimos executar. Peço, por favor, a vocês, nos deem atenção para que nós executemos as coisas que já estão apresentadas à Secretaria, e não conseguimos fazer. Só isso.

LUIZ FRANCO DE GODOY

Graças a Deus pela oportunidade de estar aqui, graças a Deus pela oportunidade da vida. Ninguém faz Samba só por que prefere, força nenhuma no mundo interfere sobre o poder da criação, está nascendo um novo líder no Morro do Pau da Bandeira, quem será? Será que aqui alguém sabe? Mas ele existe, Porque Samba, Samba de verdade, de poeta verdadeiro, é palavra de Deus. Se vocês prestarem atenção em muitos sambas que estão por aí vocês vão saber o que estou falando. É oração, é mensagem, o povo canta, rebola, dança, e não entende o que está escrito. Da mesma maneira que muitas pessoas leem muitos livros, até aquele best seller maior e não entende o que está escrito, não compreende, assiste a um filme e não compreende, deita e não dorme! É preciso que a gente peça a Deus sabedoria para entender o Samba, para entender o que ele está dizendo. Nós queremos o bem da favela, da favela geral, Brasil, universo, nós estamos num reino que não tem rei. Aqui todo mundo manda e ninguém manda nada. Vamos prestar atenção por que o Samba é mensagem, o Samba verdadeiro, de poeta verdadeiro, que tem ligação com a espiritualidade, seja a espiritualidade qual ela for. Graças a Deus.

LIA SILVA

Boa noite a todos e a todas. Boa noite Leci, parabenizar por essa Audiência. Vou aproveitar aqui a presença de nosso Secretário. Gostaria de reforçar que faço parte do movimento comunitário, também sou diretora do bloco Unidos do Pé Grande, da região da Cidade Ademar, Caixa D'Água, e que neste ano completou trinta anos, no Carnaval comemorando, e com todas essas dificuldades que já foram relatadas aqui, nós não temos sede, não temos o espaço para ensaiar, então quando tem chuva ficamos sem ensaiar. Antes quando tinha um local cedido pela comunidade fazíamos as nossas fantasias, as nossas alegorias, com a própria comunidade, e hoje por falta de espaço já não conseguimos fazer mais. Portanto, acho que isso também é uma forma de trazer de volta e dar continuidade ao nosso trabalho com a comunidade.

Também faço parte da Peruche, minha escola de coração. Participo junto na ala do Mozart, levando várias pessoas para participar, e

aqui também como disse o Secretário, nós temos um denominador comum nesta noite, que é o trabalho social que é feito por cada um dos sambistas que estão aqui hoje, todos eles, onde tem um espaço físico com certeza, com ou sem recurso faz o seu trabalho social. Então, na hora de pensar em cultura, de pensar em investimento, acho que tem que ser visto mesmo, de ser discutido com esse povo que já faz o trabalho, vamos facilitar. Então por que não procurar cada um deles em suas regiões, em seus bairros para discutir? Nós da Cidade Ademar no Plano Diretor estamos brigando por um Centro Cultural, que nós ainda não temos, e espero, assim que for construído, que o Bloco faça parte e consiga dar continuidade.

Reafirmar também o que o René já destacou, nas regiões é muito difícil conseguirmos um palco, fechar uma rua para poder fazer as nossas atividades do Samba. Já tentei por várias vezes pelas entidades fazer um torneio, mas falta recurso então fica difícil para fazer esse trabalho junto à comunidade. Gostaria de acrescentar além da Virada Cultural, as Quebradas Culturais também nas regiões mais periféricas, isso também vai contribuir bastante com nossa comunidade. Obrigada!

MARCO ANTONIO CARDOSO PINTOMBO

(Marquinho Dikuã)

Boa noite, boa noite povo do Samba, boa noite Mesa. Por muito tempo fiquei descrente de que podia acontecer isso, falei até para o Chapa. Alguns anos atrás numa casa de Samba em Pinheiros estava com alguns sambistas, e estávamos trocando umas ideias, inclusive, o Casca que está presente hoje aqui, e aí rolou uma ideia - precisamos pensar um samba, pois nós cantamos, nós tocamos, nós compomos, reunimos a rapaziada, mas está faltando alguma coisa, precisamos pensar o samba - Poxa estou feliz demais, e hoje estamos pensando o samba, estamos juntos, vários lugares, várias bandeiras, vários manos e minas, parceiros, guerreiros, e um samba. Único. Estou feliz demais. Os colegas todos já falaram das nossas agruras, dos nossos anseios, eu vou fazer deles meu também, e seus. Estou feliz, estamos juntos. É isso!

CARLOS ALBERTO CAETANO

(Carlão do Peruche)

Quero cumprimentar a deputada Leci por esse evento, reunindo o mundo do Samba, ao mesmo tempo os cumprimentos estendido aos Secretários e toda a Mesa. Olha pessoal, a política do Samba começa pelas quadras de Samba. Hoje os poderes constituídos, algumas Escolas que têm quadra, o poder constituído quer tirá-las, então em meu pouco entender começa pelas quadras. Tem escola no centro, escola de quase 90 anos de Carnaval, digo Vai-Vai, já não pode ficar lá. É cultura pessoal, é cultura, mas têm que parar, tem esses problemas. Vocês falam em comunidade; ontem a sociedade não nos aceitava de maneira nenhuma, sou oriundo desse tempo, a sociedade não nos aceitava, então vamos pedir para o Secretário uma política para o Samba sério.

Vejam bem os Senhores, vinte e poucos anos estou brigando. Sou presidente da Associação Independente Cultural da Velha Guarda do Samba do Estado de São Paulo, há vinte anos que estamos lutando por um espaço para a Velha Guarda do Samba no Sambódromo. Há coisa de três anos conseguimos um espaço. Estamos brigando para que a Velha Guarda do Estado de São Paulo quando nos desfiles tenha um local para ver as Escolas passarem. Vocês falam em Carnaval, digo a vocês não tem Carnaval em São Paulo. Está vendo bem, sou de Escola de Samba e digo por que vocês não tem carnaval em São Paulo, tem que haver um Carnaval em São Paulo, Senhor Secretário, procure fazer Carnaval. Nós trabalhamos o ano inteirinho, 365 dias, para 65 minutos no Anhembi.

Andamos da Praça Campos de Bagatelle até o local de desfile, andamos três, quatro vezes mais do que no local em que desfilamos. Lá somos empurrados pela nossa harmonia porque são sessenta e cinco minutos para passar um contingente de três mil, quatro mil pessoas. Cada ala você gasta um dinheirão, seiscentos reais por pessoa, ou muito mais do que isso em especial os destaques. É quinze minutos, gente, quanto maior for o contingente menos é o tempo na avenida, é quinze minutos. Acabamos de passar dentro do tempo, o que acontece conosco?

Quando falam em Carnaval em São Paulo, somos empurrados

pelos seguranças do Anhembi para os coletivos. Quem desfila na sexta-feira é quinze minutos, não adianta, são quinze, vinte minutos, somos colocados dentro do ônibus e vamos para nossas quadras, e aí? Acabou, acabou. Isso não é Carnaval, isso é uma competição entre as Escolas de Samba, é uma competição entre nós de Escolas de Samba, e mais ainda. Quem se fantasia, veste uma fantasia? Só nós de Escolas de Samba. Dando mais parâmetros, quantos bailes infantis faziam em São Paulo? Um Corinthians, um Palmeiras, clubes de bairros, nos quais os pais levavam seus filhos fantasiados de Colômbia, de Super Homem, Palhacinho, cadê?

Para onde foram esses bailes, falem para mim. Quem é que se fantasia? Anhembi, modéstia parte, eu fui um dos que brigou para construir o Anhembi. Se me perguntarem nos dias de hoje se estou contente, digo que não. Por que não? Ali não tem nada. Você acabou de desfilar e tem que ir embora mesmo, está morto, nem parece Carnaval. Fiz uma experiência há alguns anos atrás. Saí de carro no Carnaval, da Av. São João a Av. Tiradentes e fui ao centro da cidade, parecia uma Sexta-Feira Santa, não tinha nada. Você podia deitar na Avenida Ipiranga com a São João que você não era nem atropelado. Não tinha nada. Um sábado de Carnaval experimente ir ao Centro da cidade, não tem nada, e assim vai. Solicitamos aqui à Mesa, aos poderes constituídos para fazer Carnaval, fazer Carnaval e não Escola de Samba. Desfiles nós fazemos, isso não é Carnaval.

O Orlando enquanto Ministro esteve na Peruche e nós fizemos um projeto, passei na mão dele na época, não sei se o Orlando lembra? São Paulo, Brasil, 2014, Copa do Mundo, por que não onde houver uma disputa entre Brasil e Inglaterra e etc., não há um desfile de Escola de Samba? Em especial em São Paulo e no Rio, em cada estado a sua cultura, em Pernambuco frevo, se houver uma rodada de futebol lá, frevo, para mostrar aos estrangeiros, nós somos conhecidos no mundo inteiro, do Brasil só se fala em Samba e futebol, se perguntarem o nome do presidente, ninguém nem sabe o nome do presidente. O Brasil é um país de Samba e de futebol, é a nossa cultura, é assim devemos proceder. Vou falar coisas da qual eu passei para chegarmos ao estado em que estamos.

Falar cultura, falo para passar a mão aqui, menina passa a mão aqui, por favor, isso é cultura, fazendo Samba, sou dessa época, fa-

zendo Samba e prendia no Pátio do Colégio, se prendesse agora, só às 6 horas da manhã, fazendo batucada no Centro da cidade e assim foi. Uma resistência da minha cultura, me passaram assim, cresci assim, e vou morrer assim. Obrigado pessoal!

JUNIOR FAMELLI

(Juninho do Peruche)

Boa noite, boa noite e boa noite. Vou falar coisa rápida. Tudo bom Secretário? 665 municípios, viram? O nosso Estado, já diminuíram, que pena. O Senhor estava falando da Cultura, se tem livro ou se não tem e tal, vou dar uma dica para Secretário Estadual da Cultura. Procura a obra de Plínio Marcos, procura saber quem foi Alexandre Levi, se o senhor não sabe, é legal saber. Procura saber a história do Sr. Carlos Alberto Caetano, que nasceu no dia 11 de Setembro de 1911, na rua Pirineus, Sr. Carlão do Peruche, Sr. Fernando Penteadado que eu só queria assinar embaixo, eu posso assinar embaixo do que os Senhores falaram?

A Escola de Samba Estácio de Sá ganhou legitimidade lá no Rio de Janeiro como a Escola de Samba mais velha, de 1927. A nossa Escola de Lava-pés está para ser extinta, não foi, subiu para o Grupo Três, é isso Kaxitu? É grupo três ou quatro, mas sabe o que está faltando? Vontade política, por que só vejo o povo correndo atrás do político, o poder público não corre atrás para saber a sua história. O senhor já foi num batuque de tambor em Piracicaba, Capivari, Tietê, Rio Claro? Nunca foi no Engenho? Conhece o Engenho de Piracicaba? O Engenho Novo, nós temos um antigo lá, esse é novo, mas nós temos o antigo. O senhor conhece a Fazenda Pau Queimado? A Fazenda Pau Queimado é um bairro que deveria ser tombado. Quem nasceu em Pau Queimado? Toniquinho Batuqueiro. O Senhor teve o prazer de conhecer Toniquinho Batuqueiro? Nem vai ter porque ele faleceu e não tinha ninguém do Poder Público em Osasco. Está entendendo? A história de Dionísio Barbosa, Elpídio Rosa de Faria da primeira Escola de Samba da cidade de São Paulo de 1935, está entendendo?

O povo aqui do Samba sabe o que é Samba, então é para a Mesa que faço este diálogo ou muito mais do que isso... A Leci Brandão, inclusive, quando esteve no Peruche para fazer pesquisa sobre a Es-

cola, para saber quem era tia Romilda, tia Neide, Ditinha, Eunice, e tantas outras, primeira puxadora oficial do Samba em São Paulo, Ivonete. Agora vai para o Secretário Municipal de Cultura, não foi vitória do Samba estar na Virada Cultural não, viu? Porque tudo que é mendigado não é vitória. Foi mendigado sim, por que não lembrou do Samba. Paulo Vanzolini morreu, ninguém falou nada, ninguém falou nada de Paulo Vanzolini, o que é isso? Centenário de Henrição passou e ninguém falou nada. Centenário de Adoniran passou e ninguém falou nada. A Graça Braga não está na Virada Cultural, Eliana de Lima não está, o Tobias da Vai-Vai não está, o Germano Mathias, com 80 anos de idade não está, a Velha Guarda do Vai-Vai não está, a Velha Guarda do Nenê está por que foi convidado, o que é isso? O Senhor Alberto Alves da Silva era para ser nome de rua na Zona Leste de São Paulo. A Barra Funda era para ser tombada como Patrimônio Histórico. Falta interesse do Poder Público também, e falta da nossa parte também.

Há quantos anos o senhor fala que somos desunidos? Ah! Então tá, é nosso, mas é de vocês também. Eu falei para o Vereador, vou finalizar só com isso, eu vou jogar todo o acervo do Samba de São Paulo que nós temos, o maior acervo do Samba de São Paulo do planeta, quem conhece o São Paulo em Retalhos sabe do que estou falando. Atestado de óbito, dentadura, certidão de nascimento e tudo o mais que o senhor puder imaginar. Só de foto do Estado de São Paulo são mais de 770 mil, que é digitalizado com meu dinheiro. Os discos do SP em Retalhos são gravados com meu dinheiro. Em minha casa nós montamos um estúdio, porque a gente não fica fazendo projeto esperando o governo porque não vou ficar perdendo o meu tempo não. Sou sucateiro, sou catador de lixo na rua. Então só para encerrar, vou por fogo naquele acervo. Ata de Fundação da Unidos do Peruche, Livro de Ouro do Peruche, livro de Ata do Peruche, fotos da Mocidade Camisa Verde e Branco, fotos do Senhor Fernando Penteadinho, fitas de samba do Paquera quando era da ala de compositores do Vai-Vai, coisas do Armando da Mangueira, Xangô de Vila Maria que você citou tão bem, fez quatorze filmes, a Secretaria do Estado sabe? Não sabe que Xangô de Vila Maria fez quatorze filmes – Uma pulga na balança, Macumba em alta, Escrava Isaura, e blá blá blá, Casa Grande e Senzala – Não tem interesse do Poder

público, com todo respeito é um desabafo, **NÃO TEM INTERESSE DO PODER PÚBLICO!** Mas na campanha eleitoral, se preparem, dá para fazer um sambinha para nós aí? Vai ter um pão com mortadela, vai ter uma polenta, vai ter uma groselha, a filha de Monsueto Menezes mandou a você um abraço, a Verônica, está chegando em minha casa agora no dia 30, que é Isaura Batista, Linda Batista, que eram paulistanas... que gravaram Monsueto... Só para encerrar... Vão estar aqui e vamos fazer um Samba em casa, estou até te convidando para ir lá. Porque vamos fazer uma filmagem de nosso documentário e sem ajuda do poder público, porque nós trabalhamos para caramba para comprar filmadora, fita, tudo o que puderem imaginar. Falta interesse do Poder Público. Poder Público não tem interesse. como falei para o Andrea Matarazzo, tristes são as leis de vocês, não a minha cidade. A minha cidade não é triste, não. Nosso Samba é verdadeiro. Eu odeio comparação com Rio, com Bahia, com Minas, só que vai procurar saber a nossa história, Litoral Norte Paulista, Rio Claro, Tietê, Piracicaba, Capivari, Médio Tietê, Grande Tietê, Alto Tietê, Sudeste Sorocabano, aí vocês vão conhecer, e aí vão ter até mais embasamento para poder discutir de Samba.

YVISON JOSÉ PESSOA BEZERRA

Boa noite, boa noite, só para falar rápido, eu sou Yvison Pessoa do Quinteto Branco e Preto, uma das lideranças de São Mateus. Tia Cida, nossa rainha maior lá de São Mateus. Parabenizar esse evento maravilhoso, porque precisamos disso mesmo, nos unir, como o Marquinhos falou, falou certinho, todo mundo disse quase tudo certo aqui. Só faltou uma coisa, nós temos que cobrar, mas temos que nos organizar também, temos que estar com a documentação legal, tudo em dia, por que para fazer essa Virada Cultural é uma pedra. Muitos convidados não têm a documentação, não têm a Ordem dos Músicos, então vamos nos orientar. Senhor Penteadado falou certinho, ninguém inventou nada, a coisa é muito ancestral, só estamos dando continuidade.

E falando um pouco dos resultados que tivemos no Berço do Samba de São Mateus, no início o Samba da comunidade estava junto, há mais de vinte anos. Nós tivemos um CD gravado com os

compositores da comunidade, dois documentários, um documentário pelo SESC, um filme do cineasta Otávio Cury, portanto temos que mostrar resultado também. Não tem que ficar parado, como o Juninho acabou de falar. Tem que fazer acontecer também, não ficar esperando Lei Rouanet. É por aí rapaziada, vamos juntos, e estamos aqui para mostrar que o Samba é unido, que temos organização e temos que ter humildade. Ninguém é boçal aqui, certo?

Então vamos nos organizar, vamos saber o que pedir, não vamos também ficar só dando cutucada e também não saber o que pedir, ficar entrando em choque aqui, certo? Então é isso. Estamos aqui para parabenizar essa política, tem que ter mesmo, tem que ter porque passa governo e entra governo e a gente acaba sendo prejudicado. Temos o projeto social São Mateus Movimento, a Orquestra Samba e Choro, que quando entra governo e sai governo para, temos que ficar sozinho mantendo. Portanto, está mais do que na hora de fazer isso. É a voz da periferia, é a periferia unida, estamos juntos!

DEMÉTRIO NICOLAU NETO

Boa noite, boa noite pessoal, tudo bom tia Leci? Eu, meu nome é Demétrio e represento a Comunidade da Santa Cecília, do Bloco Carnavalesco Filhos da Santa. Peguei o microfone mais para agradecer, fazer um agradecimento, e para divulgar um projeto social que nós conquistamos a duras penas, como a moça que falou da dificuldade do bloco carnavalesco dela, de estar ensaiando na chuva, entre outras coisas. Nós passamos muito por isso, mas nós conquistamos... Demos um passo muito grande na conquista de um espaço cultural no centro de São Paulo, em Santa Cecília. Primeiramente queria agradecer o Orlando Silva e o vereador Toninho Vespoli que foram as pessoas que encabeçaram esse nosso projeto.

Os Filhos da Santa é um bloco carnavalesco do Centro de São Paulo. É um bloco bem pequeno, nós temos quatro anos de existência, a nossa Roda de Samba já é mais tradicional, já temos quase 12 anos, no Largo da Santa Cecília, onde tivemos a honra de ter o Marquinhos Jacá, tiveram outras pessoas, Gilson de Souza, e o pessoal que participa de nossas rodas no Largo de Santa Cecília, e na verdade para nós, e para mim pessoalmente, é um aprendizado

muito grande. Quero agradecer a oportunidade dos Filhos da Santa estarem participando com vocês desse evento, de estar dando sequência nesse projeto tão valoroso, e me remeto a seguinte questão: pessoas conhecidas e consagrados do Samba, personalidades conhecidas, como o pessoal da Vela, do Sino, do Samba do Monte e tantos outros, tem essa dificuldade, imaginem um Bloco Carnavalesco do centro de São Paulo.

Uma roda de samba de uma comunidade do Centro de São Paulo. Sabemos, e conheço, sou integrante da Unidos do Peruche, a Unidos do Peruche é a madrinha do nosso Bloco Carnavalesco, assim como a tia Leci, e frequento muito o Memo Memo, o pessoal da periferia, aquela região da Zona Norte e fico espantado da facilidade com que eles conquistam coisas e nós temos uma dificuldade enorme no Centro, eles não pagam CET, a comunidade toma as ruas, portanto imagina a dificuldade que se tem, com o gasto que temos no Centro de São Paulo, em conseguir todas as coisas que temos dificuldade. Esse projeto que conquistamos foi o seguinte, havia um terreno abandonado no bairro de Santa Cecília lá mais de vinte anos. Era um terreno baldio, e ele era depósito de lixo e entulho, e nós não nos conformávamos de ter as nossas crianças ensaiando ao relento, debaixo de chuva, ou às vezes num local onde o morador de rua transformou em banheiro na noite anterior, e nós ocupamos esse espaço, nós invadimos esse espaço que estava abandonado há mais de vinte anos e junto com Orlando Silva, Toninho Vespoli e a nossa comunidade estamos transformando esse local em um Centro de Convivência Cultural no Bairro de Santa Cecília. Então gostaria de convidar a todos vocês que tiverem interesse, e quiserem embarcar conosco e nos ajudar, por que somos bem pequenininhos, a dar sequência nesse projeto sócio-cultural.

É um terreno acidentado, que temos que tomar cuidado para uma criança não se acidentar, não cair e bater a cabeça no chão. Nós já estamos oferecendo capoeira, yoga, muay thai, dança afro, entre outras coisas, através de voluntários do bairro. Então fica na avenida São João, 1830 e convido todos vocês a participarem e a nos ajudarem nesse espaço que conquistamos, mas que talvez possamos perdê-lo em pouco tempo, porque hoje eu fui ao Siurb fazer uma reivindicação de melhorias num local que é acidentado para saber onde podemos fazer

recuo, onde posso fazer uma sala de inglês e eu fui ameaçado pelo engenheiro, senhor engenheiro André, que em uma semana eles retirariam esse espaço que foi conquistado para a comunidade do Samba na Santa Cecília, porque nós invadimos o local, e o local é irregular. Portanto, queria reforçar com Orlando Silva e para as pessoas que nos ajudaram, que talvez o que nós conquistamos nos seja tomado novamente, e talvez transformem esse local que queremos transformar em um bloco carnavalesco em uma futura Escola de Samba e Centro de Convivência de Polo Sócio cultural, transformar novamente num depósito de lixo e entulho no bairro de Santa Cecília, que não tem nada para crianças, jovens, adolescentes, idosos, quem quer que seja. Bem, era isso que queria falar a vocês, e fazer esse convite a todos que quiserem os Filhos da Santa, comunidade da Santa Cecília está nesse local e agradecer a todos vocês, muito obrigado.

FERNANDO SZGERI

Com licença, boa noite. Eu sou Fernando, do Grupo Inimigos do Batente, saudar aqui e pedir licença respeitosamente. Quero só pontuar uma coisa que venho dizendo nos últimos dez anos: a cultura não precisa de incentivo, cultura nós fazemos, fazemos, quando dançamos, quando cantamos. O Samba faremos sempre e fazemos, aqui está a prova. Nós precisamos, fundamentalmente dar o primeiro passo para uma política pública para a cultura, e deixar de atrapalhar. Nós precisamos deixar de ter o Poder Público como inimigo. É o que temos infelizmente, na realidade da cidade de São Paulo, no Estado de São Paulo, nos últimos tempos.

Apesar de a cultura brasileira ser tida como um lugar de permissividade, de maleabilidade, São Paulo é a terra do não pode, do não faz, do é proibido, do precisa de licença, alvará, taxa, e mesmo assim não consegue fazer. Fui pedir um alvará essa semana para um evento que estamos há dois anos trabalhando. Para protocolar o alvará eu desembolsei R\$ 665,00, para protocolar o pedido de alvará, portanto é um começo importante nos debruçarmos, antes de mirabolantes políticas, desregular, tirar exigências, tirar onerações, isso já ajudaria demais quem está fazendo espontaneamente a cultura. Vamos deixar de atrapalhar.

Então quero saudar nessa esteira essa iniciativa, porque isto é um sinal claro de que nós podemos estar inaugurando um novo momento no âmbito do poder público estadual a partir dessa iniciativa do mandato da deputada Leci Brandao, como estamos vivendo o começo de um novo momento com diálogo que o secretário Juca Ferreira abriu com o movimento de Carnaval de rua importantíssimo. Nós tivemos o primeiro Carnaval tranquilo em doze anos graças a sua garantia de que não nos iam atrapalhar, e também nessa última audiência que conseguimos efetivamente conseguir a presença do Samba no palco da Câmara dos Vereadores. Portanto, acredito que esteja soprando um novo tempo, um novo vento, e nós precisamos estar atentos e ocupar o nosso espaço. Muito obrigado e parabéns!

MARIA APARECIDA DA SILVA TRAJANO

(Tia cida)

Boa noite a todos! A bênção a minha Velha Guarda e os meus companheiros sambistas e muito obrigada a essa Mesa e Deus abençoe.

Pessoal, estou engasgada ainda com a angústia do Chapinha. O Chapinha é um amigo que eu tenho de luta, antes de conhecer muitas pessoas, eu conheci o Chapinha nas brigas, nas reivindicações. Era menina e o Chapinha já estava...

Hoje vi o meu amigo sofrer e eu sofri junto com ele, porque não é fácil você caminhar, arregaçar as mangas e partir para luta, e de repente a sua voz não consegue sair, só para quem passa é que sabe. Mas ouvi muita coisa linda, bonita, maravilhosa, estou em estado de graça, meu Deus! Como acabaram de falar, nós nos reunimos nesse número, é uma pena que uma quantidade enorme já foi embora, para falarmos de Samba. Nós estamos falando de Samba desde as 7h20 e já são quase 10h da noite.

É incrível, coisas maravilhosas, ouvi um Senhor colocar a questão da organização, a questão de nós nos unirmos, por que uma situação dessa não aconteceu antes? Nós vimos uma série de coisas boas, lindas, o trabalho social que as pessoas estão fazendo na periferia, várias periferias se organizam desde capoeira até a cesta básica em torno do Samba, a voz do Samba, mas o que está faltando? União, se unir. No Samba ninguém é melhor do que ninguém, quem chega

está aprendendo, quem já está tem que ensinar, quem está aprendendo continua aprendendo. A vida é uma sequência de aprendizagem. Precisamos nos reunir mais, olhar um para o outro e sorrir. Olhe estamos lutando no Samba, aquela letra, aquele compositor, o nosso Samba é completo, não falta nada, temos compositores sensacionais, poetas maravilhosos, gente o que mais...

Temos saúde, somos inteligentes, fazemos coisas impossíveis de acreditar que fomos nós que fizemos, o nosso grupo que fez, o que está faltando? Acreditar mais em nós, termos fé, respeitar a história que nos trouxe até aqui, como acabou de dizer o nosso... Carlão, é a nossa história máxima e maior, tem que escrever um livro viu, Carlão. Tem que escrever um livro, estamos precisando de um historiador, é, por que a nossa idade já, já somos estrelas, precisamos aproveitar o espaço, portanto essa união depende de nós. Nós. Não aconteceu antes porque nós não tivemos o espaço de nos dar as mãos uns aos outros e vamos? Vamos! Sem achar os defeitos, porque somos ótimos para achar os defeitos dos outros, os nossos nunca encontramos, é só os outros.

O primeiro passo nosso é acreditar, fazer o resgate da nossa cidadania e do Samba, que perdemos isso por muito tempo. A vontade de gritar é tão grande, que sentimos que uma quantidade enorme de pessoas desabafou, tirou o nó da garganta, o meu ainda está nas lágrimas do Chapinha. Portanto, o sonho que se sonha sozinho podemos comer com chocolate, mas o sonho que sonhamos juntos, nossa! Olha o tamanho, olha as horas, estamos aqui. O importante é cobrar sempre e muito, nós estamos a um passo de... Vontade política aconteceu aí nas políticas públicas, para o Samba falta a nossa organização, aquilo que queremos, vamos nos organizar lá onde fazemos os nossos grupos, o que nós queremos, de que maneira, como vamos orientar.

Por que na verdade, em nível de papel, nós não temos nada, a maioria de nós não tem nada, nós temos aquilo que a maioria colocou, oi vamos? Que legal aquele rapaz, ele disse que tem um acervo enorme. Nossa ele tem tudo! E disse que vai colocar fogo? Não coloca, não! Por que faz parte da sua história e de São Paulo, o seu encontro, de você com São Paulo, de você no Samba. Nós vamos ser eternamente sementes, árvores, e troncos da história do samba, vamos ser.

Gostaria de colocar aqui, agradecer, foi preciso... Tivemos outros encontros, mas nunca foi assim com tanta ênfase como está sendo esse. Vi gente que não via há muitos anos. O abraço gostoso – poxa estamos vivos e falando de Samba ainda. Sonho que se sonha junto é diferente, o pessoal está aí e agora só falta sentirmos juntos, e se ainda não nos conheciam até agora, parece que agora passaram a conhecer. Tenho certeza que muitos desses daqui vão sair para conhecer as nossas comunidades, irão nos visitar, porque o que falta é a troca de conhecimento. Nós tentamos saber quem são eles, o interesse deles e o que eles querem. Eles vão nos conhecer também, faz parte da caminhada, torcemos para isso. E outra coisa, nunca aconteceu isso em nível de Samba, não! Dessa forma, com essa vontade de construir, de reconstruir, não aconteceu, então agradecemos esse acontecimento, a comunidade do Samba está em festa, mas não temos mais idade para ilusão por que eu ainda sou São Tomé. Eu tenho certeza que vou viver para crer.

ADRIA MARIA BEZERRA FERREIRA

Pessoal, boa noite. Sou de Ribeirão Preto e presidenta de uma Escola de Samba em minha cidade. Pelo interior é considerada a Escola mais velha do Brasil, ela é de 1927 com registro em cartório. Todos esses anseios que estamos discutindo aqui são também anseios do interior. O interior do Estado de São Paulo também discute todas essas demandas, sente todas as dificuldades, todos os preconceitos e sabemos como é difícil construir ou fazer a cultura popular, principalmente o Samba, e a Escola de Samba também.

Estou aprendendo o Samba e Escola de Samba com um senhor de 86 anos, e há 56 anos ele está dentro da Escola, o Senhor Santos, que manda um abraço para Leci, manda um abraço a todos que estão aqui, uma pessoa disposta a ensinar, uma pessoa disposta a conversar e dialogar.

Leci Brandão, estamos em Ribeirão Preto justamente discutindo as políticas públicas para as Escolas de Samba da cidade, porque, primeiramente, elas não são reconhecidas, não temos representantes parlamentares que venham discutir a questão do Samba e as Escolas de Samba em Ribeirão Preto. Sentimos essa dificuldade inclusive em

dialogar com o governo, e quando vi na internet essa discussão decidimos vir. Estamos sentindo essa necessidade - e ao mesmo tempo precisamos conciliar a agenda da deputada com a nossa para estarmos discutindo e nos fortalecendo no interior sobre as políticas públicas para o Samba e para o Carnaval de Ribeirão Preto.

FERNANDO ANTONIO ALVES DE SOUZA

(Rios)

Boa noite a todos! Sou da Brasilândia, Morro Grande. Primeiramente quero dizer aos Secretários que nunca teve este tipo de evento neste espaço, porque o Samba é da cultura negra e da periferia, portanto nunca foi dada a devida importância. A outra é tirar o meu chapéu e agradecer à Embaixada do Samba e aos Baluartes pelo aprendizado. O Movimento Cultural Frente de Resistência Samba do Congo, na Brasilândia, o qual faço parte, pelas minhas pesquisas é o mais novo que tem, nós temos apenas dois anos.

Uma das diretrizes que temos, além de incentivar o compositor e suas composições, é exaltar e incentivar o Samba e a Velha Guarda de São Paulo, o qual fazemos parte, as nossas tradições rurais do Samba paulista. Portanto, é isso que fazemos e por isso agradecer o aprendizado.

É necessário agradecer a abertura deste diálogo que estamos tendo com o Juca Ferreira, também estava com o pessoal dos blocos de rua do Carnaval. Temos o nosso cordão, por que o nosso Carnaval antigamente eram os cordões. Este ano fizemos o nosso primeiro Cordão e existimos há dois anos apenas, pegamos os instrumentos do Guaraú, pusemos uma caixa de som em cima de um Saveiro, saímos cantando as marchinhas, que uma é do Senhor Luiz Godoy, que é compositor do congo.

Portanto, cantamos Samba paulista, com todo o respeito ao Samba do Rio, mas para encerrar aqui e fechando minha intervenção, como dizia Plínio Marcos nas quebradas do mundaréu: “O povo que não ama e não preserva as suas formas de cultura mais autênticas jamais será um povo livre...”. Obrigado, gente!

ANA ELISA SANTOS CAMARGO

Acho que já falaram tudo neste evento. Todos abriram seus corações, mas farei também uma fala, e não posso deixar de fazer, pois sou militante da luta da mulher sambista.

Acho que temos mulheres trabalhando com o Samba, não só as cabrochas que estão desfilando o seu corpinho, mas que valorizásemos as nossas mulheres que estão no enfrentamento, estão muitas vezes marginalizadas. Sou marginalizada porque sou professora e por ser sambista, sou discriminada, sou marginalizada dentro da sala de aula por ser sambista, por me assumir sambista e por passar esse conteúdo aos meus alunos. Infelizmente isso ainda acontece.

Portanto, a minha intervenção é que essas políticas públicas tenham esse olhar, esse cuidado com a mulher sambista e que deem mais respeito a essas protagonistas que estão parindo os sambistas que estão aqui e que estão lutando e batalhando para que isso permaneça.

Aproveito para fazer um agradecimento especial ao pessoal do Samba da Vela, que amo de paixão. Faço parte do Samba da Vela e a partir de lá um sonho antigo que era ter uma comunidade com mulheres que também são musicistas, cantoras, compositoras, percussionistas e que estão no mundo inteiro, não vou falar de São Paulo, mas no mundo inteiro, temos muitas mulheres fazendo coisa boa, muita mulher fazendo coisa ruim, como tem muito homem fazendo coisa ruim também. Portanto, acho que as críticas com as mulheres são duras demais e temos que parar para pensar que as mulheres estão batalhando sim, estão aprendendo, estão lutando e vão chegar lá como os homens chegaram.

Nós temos a Leci Brandão na Mesa que está batalhando por nós. É uma mulher, negra, cidadã e sambista. Chapinha que não está aí agora, passou mal o nosso parceiro, sei o que ele lutou pela Virada Cultural. Realmente não é nada, só que para nós mulheres ter uma Roda de Samba no palco com mulheres dos vários cantos da cidade pode ser que não seja nada para alguns, mas para nós é tudo. Obrigada, Chapinha!

ROBERTO ALMEIDA DE OLIVEIRA

(Beto)

O mandato da Deputada Leci Brandão tem um compromisso com vocês de transformar todo este debate em um relatório, uma publicação, e aquelas demandas mais objetivas vamos reunir com um grupo de trabalho, que tem dialogado com o mandato, com cada uma das Secretarias e outras que forem necessárias.

Tem sido realizada quinzenalmente uma reunião de um coletivo. Coletivo é interessante porque não tem essa preocupação de ficar preso a quem é, não tem dono, e as reuniões acontecem no Centro da cidade, das 7h às 10h, na Galeria MetrÓpole, e tem se discutido algumas pautas que em algumas intervenções também foram levantadas aqui.

O coletivo é uma reunião onde damos uma pausa no Samba e dialogamos sobre outra dimensão. É fundamental que as pessoas participem.

O mandato tem feito dois movimentos. Além da Audiência, vamos agora visitar os municípios, nas regiões para que essa Audiência Pública se reproduza em algumas regiões do Estado. Inclusive temos que dizer que vamos fazer um esforço para termos o Secretário de Cultura do Estado para estar presente, para dialogar com todos e também para nos ajudar a fazer um mapeamento do Samba paulista.

Vai ser na Baixada Santista, em Santos, Campinas, São José dos Campos, Jundiaí, Campinas, Araraquara, Ribeirão, Sorocaba, Botucatu e Mogi. Tem outras cidades solicitando, vamos fazer todo esforço para que isso aconteça.

A proposta é que esse coletivo acompanhe e dialogue naquela dimensão, entender o que é e como está, qual a situação, como provocar o Poder Público local e o que podemos trazer aqui para o Estado, em especial o nosso papel aqui no Legislativo.

A Deputada Leci Brandão está enviando um questionário aos 645 municípios como uma pesquisa sobre a situação do Samba, do Carnaval e de outras organizações culturais do município, se tem recurso ou não. Estamos otimistas e esperamos ter retorno de pelo menos 10%. Com isso já é possível termos uma amostra.

A proposta é dialogar com o Secretário de Cultura para nos ajudar

nesse sentido. Em dezembro pretendemos apresentar um resultado final desta pesquisa, junto com esse coletivo, junto com as duas Secretarias, que acordamos com o Secretário Juca um grande encontro um pouco antes do Dia Nacional do Samba. Seria no Centro Cultural Vergueiro, onde vamos apresentar um pouco desse material sistematizado e destas audiências a serem realizadas nas diversas cidades do Estado, entregar um documento propondo várias ações.

É evidente que muitas coisas que saíram deste debate vamos encaminhar imediatamente, ou seja, vamos bater na porta dos Secretários, de cada um deles, para ver como resolvemos. Isto é um pouco das ações que temos de planejamento para esse ano pelo mandato e pela Frente Parlamentar de Cultura.

Quero solicitar uma salva de palmas para o Samba da Vela, Toman-do Partido, Samba Delas, Feitiço de Mulher, Samba do Sino, Pagode do Cafofo, Acadêmicos do São Jorge, Samba do Jardim das Flores, Samba na Cumbuca, Samba da Ponte, Samba da Vera Cruz, União da Trindade, Escola de Samba Quilombo, Nenê da Vila Matilde, Peruche, Camisa Verde e Branco, Vai-Vai, Comunidade Jardim Bandeirantes, Samba do Congo, Samba da Tenda, Samba da Santa, Samba da Nova Luz, Samba da Feira, Samba de Bambas e o Quinteto.

Tem pessoas e entidades que passaram nesta Audiência, como: Terreiro de Compositores, Inimigos do Batente, Panela do Samba, Amigos do Samba.com, Samba da Canja, Samba do Olaria, Samba da Cultura, Samba de Todos os Tempos, Mulheres do Samba, Samba da Alegria, a UEE, a UPES, a UNE, a UNEGRO, o Conselho da Comunidade, CONEN – Coordenação Nacional das Entidades Negras. Isso é importante para termos uma dimensão da rede de parceiros que podemos contar, e essa ideia de organização que falamos, reclamamos, começamos a fazer cotidianamente.

O que vamos fazer agora é concentrar os nossos esforços, olhar pra frente, e pegar esses parceiros e em especial do Poder Público, do Legislativo, do Executivo, e vamos conversar um pouco mais, exigir mais e não só pedir, mas vermos como construímos parcerias mais efetivas.

Preciso comentar que fiquei agoniado, secretário Tiezzi, por que acabamos até aliviando para o Senhor e acabou sobrando para o Juca, até de forma injusta. Falo Secretário Tiezzi, com todo o respei-

to, porque temos nos reunido e o Senhor mesmo falou que gostaria de vir quando tivemos a primeira conversa, mas porque o Secretário Juca foi, desde o primeiro instante, o grande motivador dessa história, porque ele ajudou a buscar resultados que imaginávamos que teríamos. Um exemplo é a questão da Virada Cultural. Tudo que se falou da Virada, todos os históricos, pequeno evento e essas coisas todas, mas a Virada Cultural, apesar dos que dizem o contrário, tem três palcos, quatro palcos de Samba vão estar na Virada. Naquele instante tínhamos consolidado uma experiência o ano passado que foi praticamente uma ação afirmativa feita pelas comunidades, não foi uma ação da Prefeitura, as comunidades que construíram essa relação naquele momento, em especial como uma rede de televisão, e colocaram o palco do Samba, consolidamos.

Fomos ao gabinete do Secretário sem avisá-lo. Entramos um grupo grande, o Secretário viu essa turma e falou – espera aí, com esses quero falar – e falamos o seguinte, contamos desde a época que começou na Virada, na quebrada, etc. e etc. Ele falou – É o seguinte, isso aqui está resolvido, não mexi com nada não, mas com essa coisa vou mexer, pois isso é política de Estado e, nessa gestão, o Samba vai ter um palco e vocês vão ter que segurar a encrenca – porque também é o seguinte, nós estávamos nos 45 do segundo tempo.

Portanto, quero aproveitar e dizer o seguinte: nós vamos, hoje provavelmente, vamos fazer um esforço para ver se fechamos alguma coisa sobre isso, mas o Samba nosso vai ser agora nesse sábado e domingo na Virada Cultural. Vão ter vários espaços de Samba, mas gostaria que vocês, muito encarecidamente, passassem lá pelo palco das Comunidades, dos Terreiros e Rodas de Samba, que vão acontecer em frente à Câmara Municipal.

JOSÉ MARILTON DA CRUZ

(Chapinha da Vela)

Acredito que agora vou conseguir falar. Primeiro, para o Secretário Estadual, vocês estão aqui para ouvir as nossas reclamações, os nossos discursos e nossas reivindicações, e assino embaixo de todas as reivindicações que fizeram a vocês. Agora, não assino embaixo de nenhuma deselegância com nenhum de vocês.

Não, vocês estão aqui para nos ouvir, nos ajudar, ser hostilizado jamais. Acho que o respeito tem que estar acima de qualquer coisa, está bem Secretário?

Tenho certeza que o nosso coletivo que batalhou para essa Audiência nenhum assina embaixo. Está bem pessoal?

Outra coisa que queria falar para vocês é que não tenho mais lágrimas, chorei quase a cada discurso por que a coisa é de suma importância. Começa a passar um filme na minha cabeça. Sabem por que eu chorei? Vocês não sabem o que é um “cara” há quase 40 anos chegar do Nordeste, branquelo, cabeça chata, olhos claros e sair procurando um lugar para ser absorvido no Samba, por que gostava de Samba. Meu pai e meus tios já tinham um grupo de Samba no interior do Ceará, por isso não escolhi o Samba, mas foi o Samba que me escolheu, veio imbuído em meu sangue. Portanto, onde fui cair? Fui cair na Bela Vista. Está aqui um “dos caras” que me ajudou a me criar no Samba, o Penteadado, Osvaldinho da Cuíca, Geraldo Filme. Bebi um pouquinho na fonte viu, você sabe que bebi um pouco na fonte e graças a Deus eu bebi na fonte.

Encontrei com o Paquera e começamos a fazer parceria no começo dos anos 80, e comecei a militar. Osvaldinho da Cuíca - Você está no caminho certo - Até hoje ele fala, você está no caminho certo, e não tem como você não dar continuidade a esse trabalho que o senhor Carlão já deu e de outros que vieram antes dele.

Portanto, a minha opção, minha obrigação enquanto sambista, já que escolhi ser sambista, é fazer isso. Se vou ter sucesso ou não, isto não me importa. Na mídia nunca vou ter porque não é o meu objetivo. Mas acho que ser sucesso é isso, é chegarmos a qualquer lugar e sermos respeitados.

Você chega aqui encontra o Senhor Carlão, Fernando Penteadado, que é um dos criadores do sambista Chapinha, abriu a janela, me orientou, brigamos algumas vezes que não concordava e não entendia ainda, e ele dizia - Cabecinha chata, calma que você vai chegar - está entendendo? Nós desentendemos e hoje somos grandes amigos. Mas você encontrar Senhor Carlão, Fernando Penteadado, Airton Santa Maria, tia Cida e aí você encontra a Nicole, uma sambista com apenas cinco anos de idade, é sambista, quero dizer, vale a pena ou não vale? Você estar nessa batalha? Estar quase todas as segundas-



SAMBA DE SÃO PAULO

-feiras, cantando no Samba da Vela, aprendendo os Sambas do Samba da Vela, canta junto. Portanto, acredito que estou no caminho certo.

Começa a passar esse filme na minha cabeça, por que mais ou menos dez anos, temos que nos lembrar das pessoas que fazem alguma coisa não só por você, mas principalmente pelo seu coletivo. Um deputado dessa Casa, na época, Vicente Cândido, abraçou a causa da cultura, que é uma lacuna que ninguém queria assumir e ele assumiu e chamou todos os coletivos, e aí chamou o Samba. Chamei muitas pessoas para vir e só tinha eu e o meu pandeiro, há quase dez anos atrás, e nem pandeirista sou, mas vim embaçar aqui, e quase que acampávamos na Assembleia, por várias e várias vezes. Então, depois de tanta batalha, por isso que choro. Por que antes de começar a Audiência eu já estava pensando nesta história toda, Senhor Carlão, nós batalhamos tanto. Quantas vezes vim até aqui sozinho, e estamos hoje, com tantos amigos, tantos sambistas, com tantos batalhadores junto com você. Então, não tem como você não se emocionar.

Vocês desculpem as minhas lágrimas, o embargo da minha voz, mas foi exatamente por isso. Não sou mais que ninguém, não sou menos que ninguém, só sou um sambista que quer dar continuidade. Quero primeiro respeito, como a nobre Deputada sempre fala, primeiro respeito para ser respeitado, e costumamos ouvir os mais velhos e passar para frente esses ensinamentos. Essa é a minha fala.

A MENINA NICOLLY QUEIROZ CANTA

O samba que a Nicole cantou foi gravado pelo Quinteto Branco e Preto e é de autoria do Chapinha com parceiro Nino Miau.

JOSÉ MARILTON DA CRUZ

(Chapinha da Vela)

Acredito que estou no caminho certo, como os meus amigos também estão no caminho certo, por que sinto imenso orgulho de estar há 30 anos militando no Samba e poder encontrar muitas pessoas queridas que atuam no Samba. Já apresentei pandeiristas, percussio-

nistas para a Deputada, ou seja, aconteceram coisas maravilhosas, portanto, temos que continuar.

Por último, gostaria de falar para o nobre Secretário Municipal Juca que estou emocionado de novo, que tem o palco das Comunidades e nós não pedimos esmolas não, nós fomos lá procurar o Senhor que nos atendeu prontamente e com tanta sensibilidade, e nós não imploramos ao Senhor, o Senhor falou – Vai ter sim! Então tem que ter uma salva de palmas para o Secretário. Teve uma grande sensibilidade, então não aceito o Senhor ser hostilizado de forma alguma.

SAMBA DE SÃO PAULO







INTERVENÇÕES FINAIS DA MESA

ORLANDO SILVA

Vereador do PCdoB/SP

Após ouvir tantos depoimentos tão importantes, uma reunião que é política, uma reunião que discute política pública, uma reunião que é um espaço do Estado, mas uma reunião que é carregada de emoção, lirismo e beleza. Fiquei muito feliz, Leci Brandão, de poder testemunhar esse momento. Parabéns pela iniciativa.

Algumas pessoas perguntaram por que este evento aconteceu e por que aconteceu somente agora? Isso aqui aconteceu por que o Samba nunca teve uma representação com tamanha legitimidade que tem hoje com Leci Brandão na Assembleia Legislativa. Isso é um problema de legitimidade, não um problema de vontade. Seguramente, muitos companheiros que passaram por aqui podem ter planejado, pensado, mas não tinham a mesma legitimidade.

Portanto, creio que é um momento importante e o nosso desafio é transformar esse transbordamento de anseios, necessidades, desejos, em coisa objetiva. Saio daqui com a seguinte ideia: o Samba em São Paulo, o Samba de São Paulo tem que querer tudo. O Samba é matriz de nossa cultura, é matricial em nossa cultura, mas o Samba tem uma identidade negra que é muito forte, uma identidade com a periferia que é muito forte, e uma coisa que o povo pobre, o povo negro, o povo da periferia. E nós às vezes exigimos pouco. Nós temos que exigir mais, por isso que, para mim, ter políticas públicas não pode ser ocasião e vontade de governo, mas tem que ser lei.

Essa política pública, para ser permanente e ser efetiva tem que ter orçamento, então nós queremos orçamento. Essa política pública para ter momentos de expressão, tem que ter eventos, ter Virada, ter quebrada, ter semana, ter dia, nós queremos então Virada, quebrada, semana, dia, nós temos que querer tudo! Porque só querendo tudo nós vamos conseguir oferecer as oportunidades que até hoje não tivemos acesso. Por isso esse é o meu sentimento, porque nós precisamos de memória. Falou aqui o Juninho do Peruche, de espaço, de fomento, de produção, de difusão. Nós precisamos de muito e por isso nós precisamos querer tudo, e isso é obrigação do Estado traduzir em direitos para a população.

Portanto, cumprimento a Leci Brandão, todo mundo que ficou

até o momento e aproveito para fazer um convite a todos. Nós vamos fazer, na Câmara Municipal de São Paulo, uma sessão solene, realizaremos no dia 14 de junho, porque no dia 13 de junho, se vivo fosse, completaria 100 anos, um sambista importante de São Paulo chamado Pé Rachado, não é Senhor Fernando? Portanto, nós vamos fazer essa homenagem. Creio que o desfalque de memória tem a ver com isso. Nós temos que também valorizar a nossa história, a nossa memória, e tem que ganhar forma de monumentos, de homenagens, quem sabe um dia assim como a Estação Itaquera do metrô virou Corinthians-Itaquera, Palmeiras-Barra Funda, devia ser Vila Matilde, Nenê da Vila Matilde. Temos que fazer homenagens assim, porque vamos construindo a nossa memória. Parabéns Leci, parabéns a todas as Comunidades, Escolas, Grupos, que vieram neste evento.

MATILDE RIBEIRO

Secretária adjunta - Seppir - SP

Muito obrigada pela aula, e é assim que nós vamos tocando a vida. E me fez lembrar um momento que tive aula, quando Ministra, quando o Presidente Lula, Juca e Orlando estavam no governo, e o presidente delegou à SEPPIR Federal coordenar a política de quilombo no Brasil. Eu nunca tinha ido a nenhum quilombo até então, conhecia pelos livros. A primeira vez que fui a um quilombo chamado Mata Cavalo, no Mato Grosso, foi porque o Governo, naquele Estado, tinha desapropriado os quilombos, despejado de suas casas e os quilombolas estavam no meio da estrada, passando fome e adquirindo doenças.

Então, depois de falar com o Governador, fomos às pressas porque o assunto era muito urgente. Os quilombolas invadiram a sala do governador e falaram assim- Ministra, a Senhora não sai daqui nem que tivermos que sequestrá-la, mas a Senhora tem que ir ao quilombo – e foi assim que eu conheci o quilombo.

Fui e foi a melhor experiência que já tive e a Senhora, que já faleceu que me conduziu por dentro do quilombo disse assim – Há um lugar que você tem que ir dentro do quilombo e a partir daí você vai entender a nossa luta – E ela me pegou pela mão e arregacei a calça até os joelhos e ela me levou pelo mato, quando vi estava dentro de

um cemitério e ela começou a contar história do quilombo por dentro do cemitério dizendo assim – Está vendo, está sendo derrubado, a mureta está sendo derrubada. O túmulo lá na frente foi derrubado, e a Senhora está aqui e vou lhe contar a história do quilombo. Está vendo aquele túmulo ali era de meu tataravô, está vendo aquele ali? Era de meu avô, aquele lá era minha avó, chegaram aqui em tanto, construíram tais e tais coisas, e agora o fazendeiro quer nos colocar para fora e derrubar os túmulos para derrubar a nossa história.

Ela me fez tirar fotografia, me fez assinar uma carta escrita à mão dizendo que voltaria dias depois com algum encaminhamento para a resolução daquela situação. A Leci viveu de certa forma várias situações assim com nós no Governo Federal. Muito similar, muito parecida à história do quilombo com o que vocês falaram aqui. Fiz associação o tempo todo e tem cinco anos que deixei de ser Ministra e continuo indo aos quilombos fazendo política com eles.

Estava há quinze dias num quilombo chamado Campinho da Independência numa cidade turística chamada Parati, onde os quilombolas também são invisibilizados assim como vocês aqui, nós em São Paulo em relação ao Sambódromo, ao Anhembi e etc.

Portanto, estar do outro lado do balcão, como Governo não significa não ter sensibilidade e não significa não nos colocarmos como instrumento para que esse diálogo avance, é para isso que estamos aqui. Se o Secretário Netinho estivesse aqui acho que ele teria tantas histórias quanto nós temos aqui para contar.

Resolvi dividir essa história com vocês porque sou paulista e não sou conhecida pelo mundo do Samba porque a vida me conduziu a outros caminhos, o que não quer dizer que não tenha compromisso a partir do momento que conheço mais e mais, porque nos mobilizamos a partir do que conhecemos, e já havia sido sensibilizada antes.

Fizemos muitas coisas com a Leci. Quando compusemos o Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial, a primeira coisa foi convidar a Leci para integrar o Conselho, considerando essa legitimidade que ela tem. Também foi criada a Secretaria Municipal de Igualdade Racial no município ampliando o trabalho que já existia. Igualdade racial e Samba tem tudo a ver, um é primo do outro, enquanto política e enquanto ação.

Nós vamos realizar a Conferência Municipal que precede a Con-

ferência Nacional. A Conferência Municipal vai ser 2 e 3 de agosto, portanto, sintam-se convidados também no processo, pois acontecerão conferências regionais e temáticas.

E por fim, saímos pelo município com uma tarefa concreta. O Prefeito elegeu como prioridade zero para a SEPPIR, que é a Secretaria de Igualdade Racial Municipal, aliada à Secretaria da Educação, responsável por programas de diversidade e igualdade na Educação, mas delegou para SEPPIR dialogar com a Educação e com as demais Secretarias, inclusive a Cultura, para ampliar a implementação da Lei 10.639 ao município, a Lei que obriga o ensino da cultura e história africana e afro-brasileira.

Nós criamos um grupo de trabalho na SEPPIR, o qual faz parte, além de mim, o Juca, o Secretário de Educação. Neste sentido, estou entendendo que todo esse diálogo tem a ver com a implementação dessa lei, então nós vamos ter que afinar a viola e o pandeiro. E no dia 27 de maio estaremos realizando um ato em homenagem à África. Dia 25 de maio é o Dia da África, estamos organizando um evento que o Prefeito vai lançar o Programa de Implantação da Lei 10.639, envolvendo essas Secretarias e entendo que o Samba tem que estar dentro. Muito obrigado!

JUCA FERREIRA

Secretário Municipal de Cultura de São Paulo

É muito simples. Quero agradecer e parabenizar a Deputada pelo evento, independente de já ter tido antes ou não, tem um caráter histórico porque juntou todo mundo ou uma parte importante do Samba para pensar e se propor a uma discussão de uma política pública. Foi dito muita coisa relevante, acho que ainda temos que trabalhar um pouquinho para chegar à formulação de uma política pública.

Queria agradecer as palavras generosas de Chapinha e de meu amigo que está no comando, Beto, e dizer só uma coisa: em toda luta a primeira preocupação é identificar quem é inimigo e quem não é, se confundirmos todo mundo, perdemos um pouco a referência.

Desde que cheguei a São Paulo, podem olhar as entrevistas, poucos dias depois de ter chegado, disse que queria dialogar com o Samba. Então teve um movimento sincero de minha parte no sentido de

buscar a possibilidade de contribuir para essa afirmação do Samba como manifestação cultural e dos sambistas como os que produzem essa manifestação.

Queria dizer isso no sentido de que o diálogo tem que ser absolutamente sincero, frontal, e com as delicadezas necessárias para construirmos as parcerias que precisamos construir. Muito obrigado.

SERGIO TIEZZI

Secretário adjunto – Secretaria Estadual de Cultura de São Paulo

Queria primeiro endossar o que o Vereador Orlando disse aqui sobre a Leci Brandão. Ela encarna essa demanda de vocês, quero ir além também, tanto a Leci na Assembleia e o Orlando na Câmara dos Vereadores, acho que essa construção de política pública que foi objeto dessa discussão nessa noite, ela pode vir a ser concretizada com muito mais celeridade, rapidez, diálogo.

Queria também parabenizar vocês, uma Audiência Pública dessa natureza. Já participei de inúmeras Audiências Públicas aqui, à noite, durante a manhã e outros horários, e depois de 4 horas, termos uma Audiência desse tamanho não é muito comum. Então há de fato uma coisa muito interessante sendo construída e sendo montada a partir da Leci.

Portanto, quero parabenizar a Leci, parabenizar vocês, foi muito interessante, aprendi muito, ouvi muito, e faz parte intrínseca de nossa função, e sabe que faltam coisas mais estruturadas para a história do Samba paulista na Secretaria do Estado da Cultura, e não tem nenhum gênio lá que vai dizer o que deve ser feito. Acho que aprendi muito com a Leci, com o Beto e com os assessores todos, tem uma assessoria muito competente, mas a partir de vocês é que nós conseguimos entender melhor e, de fato, ver o que tem que fazer. Obrigado e parabéns, Leci.

LECI BRANDÃO

Deputada Estadual – PCdoB, Presidente da Mesa, Presidente da Frente Parlamentar em Defesa da Cultura

Oh! Meu Deus. Quero primeiramente dizer que o que aconteceu

aqui não foi uma Audiência Pública, o que aconteceu aqui, em meu entender, foi uma celebração, nós fizemos uma celebração, e celebração é uma coisa diferente.

Também dizer que nessa plateia estão as verdadeiras celebridades, porque acho que o povo brasileiro, a mídia principalmente, não sabe mais o que é celebridade. Celebridade é outra coisa. Celebridades são essas pessoas que já estão na história, estão vivas, mas que já fazem parte da história. Todas as pessoas que estão aqui, aqui é o encontro de uma família que representa a diversidade, vejo homens e mulheres, vejo negros e brancos, vejo pessoas mais jovens e pessoas com mais sabedoria.

Veja bem, Senhor Carlos, comecei a conhecer Escola de Samba por minha família, porque sou neta e filha de duas pastoras de Escola de Samba, que é Estação Primeira de Mangueira. Minha avó e minha mãe desfilavam, e a primeira vez que comecei a ver desfile não tinha arquibancada, não tinha nada disso, era uma corda, erámos pequenininhas e levava cachorro-quente em sacola de papel, e quando os cavalos da Polícia Militar começaram a querer controlar o povo foi a primeira vez que ganhei o beijo de um cavalo. Eu era pequena e o cavalo fez assim e ganhei um beijão do cavalo aqui em minha cara, e aí a pata do cavalo bateu e o cachorro-quente caiu e é uma visão muito ruim que tenho. E quando entrou o Governo de Carlos Lacerda começou a ter arquibancada, desmanchava, montava e tal, e essa coisa começou a evoluir e não sei o quê.

Nós sabíamos naquela época todos os sambas-enredos das Escolas por que era distribuído o papelzinho, às vezes nem tinha papel, para as cabrochas, então o pessoal chegava lá e aprendia o samba para valer, não precisava fazer CD, não precisava pagar ninguém, era outra coisa, aí tinha uma ordem que eu já via na Mangueira antes de ser da ala, e que era assim: começava o ensaio e quem dava ordem ao diretor de bateria era o diretor de harmonia, era um diretor de harmonia, um, com o apito pendurado chegava ao meio para o mestre de bateria começar o ensaio. As primeiras pessoas que chegavam à quadra era Dona Zica e Dona Neuma, depois entravam as outras senhoras, atrás, fazia aquela roda, e o povo que ia visitar só podia entrar depois de uma determinada hora, não era assim, não tinha... E não tinha cerca, não tinha nada não, mas era

uma coisa chamada educação, existia um ritual. Os compositores de outras escolas podiam cantar, mas só depois de cantar o samba exaltação da Escola e os compositores da Casa cantavam seu samba de terreiro, depois é que os convidados podiam cantar. Tinha toda uma ordem.

Um dia inventaram o negócio de fazer gravação do samba-enredo para tocar no rádio, e começou a vir uma coisa chamada LP, vinil, e começou então uma coisa chamada edição, os editores, direito autoral, e começou a ter dinheiro para poder gravar e aí começa um processo, porque para tocar no rádio não podia ser um samba muito grande e começa a diminuir o samba-enredo que tinha que ser...

Lembro que o responsável por isso foi: “O lê lê, ô lá lá / pega no ganzê / pega no ganzá...”. E o Salgueiro ganhou o Carnaval e isso mudou o conceito de se fazer samba-enredo, todo mundo queria fazer samba pequenininho, uma melodia boa para ganhar o Carnaval.

E por conta da questão da edição, da questão do dinheiro, compositores foram assassinados, ocorreu muitas brigas e virou uma grande confusão, mas ainda assim os sambistas é que mandavam na Escola, a Velha Guarda era a maior autoridade, é quem definia as coisas. As baianas também tinham opinião, porque acontece o seguinte, isso tudo veio das senhoras, das matriarcas, elas que começaram com essa história toda do samba, e faz uma comida aqui e tal, os nosso senhores chegam lá, era tudo lindo, fazíamos piquenique, não tinha chefe de ala e nem diretor de nada, cada grupo fazia a sua roupa fazendo festas. Fazia uma festinha, fazia piquenique em Paquetá, e o que era arrecadado era para confecção das fantasias, e naquele tempo era de veludo, bom veludo, bordado.

O povo da Escola de Samba tinha orgulho de andar com a cor da sua Escola o ano inteiro. Se o senhor encontrasse uma pessoa de verde e rosa sabia que era da Mangueira, encontrava de azul e branco era da Portela, encontrava de verde e branco era do Império Serrano, era desse jeito. Uma coisa foi falada aqui, fantástica, as pessoas tinham orgulho de botar a fantasia ao meio-dia para mostrar a família, ia para o subúrbio, só ia desfilas de noite, mas tinha orgulho de vestir fantasia.

O povo de hoje, que invadiu o espaço, vai de carro, quer uma fantasia que seja fácil de colocar, ele não quer que o vejam fantasiado, ele

quer tirar onda lá por que tem TV e aí tudo bem. Mas antigamente não, os homens andavam com os sapatos com a cor da Escola. Todo mundo tinha honra de usar o sapato e o chapéu de compositor com a fitinha da Escola, porque as pessoas tinham orgulho de desfilar, portanto o samba não era meio econômico, e essa coisa foi subindo tanto, tanto e tanto que chegou uma coisa chamada televisão e no momento em que a televisão entra no processo essa coisa começa a se perder, porque pessoas que nem olhavam para cara do sambista começou a ter interesse em desfilar naquele espaço, porque começou a dar status. Desfilarem em Escola de Samba dá status, todo mundo quer desfilarem em Escola de Samba, é bom, é vip.

E com isso os nossos presidentes negros começaram a perder autoridade, começou a chegar outro povo. E pior, no Rio de Janeiro todas as Escolas que foram presididas por homens e mulheres negras não ficaram mais no Grupo Especial porque não interessa mais, quem manda são outras pessoas. E não gostava nada quando aqui em São Paulo começaram a me perguntar qual o Carnaval melhor é o do Rio, o de São Paulo, não sei o quê? Como você vai dizer que aqui não existe uma Escola de Samba, quando você tem Escolas que tem 80 anos de idade, tem 70 anos de idade, 65 anos de idade? Gente, é tudo “cacurucaio”, é preto velho, tem que respeitar. Portanto, essa comparação não gosto, porque uma coisa é o dinheiro que está entrando lá para fazer toda essa folia, esse espetáculo Spielberg de Hollywood, e outra coisa é você trazer um Samba natural, um Samba normal.

Essa celebração... Hoje falaram do tempo do desfile. É um horror, as senhoras baianas que ficamos na maior ansiedade em ver o desfile, esperava as baianas, e hoje estão botando as baianas na primeira ala, segunda ala, tem que empurrar as velhinhas pelo tal do tempo. Naquele tempo não tinha tempo, não era nada cronometrado, inventaram o tempo e acabou. Lembro um enredo que o Salgueiro ganhou por conta de um comportamento que o Natal teve, Salgueiro desfilou com negócio da história do Carnaval, a Portela vinha atrás, o desfile era na Presidente Vargas ainda, o Natal achou que a Avenida estava muito suja devido ao confete e serpentina, pois se usava confete e serpentinas, muita coisa, mandou varrer a avenida. Os jurados entenderam que o Salgueiro fez um desfile perfeito, acabou o Carnaval e varre a Avenida. E o Salgueiro ganhou o carnaval por que o Natal

da Portela para limpar a Escola mandou botar lá, foi desse jeito. E para encurtar a história, contar a última historinha, precisa falar disso aqui, porque o que estou falando aqui é importante por que só estou reafirmando o que os mais velhos falaram disso aqui, não é? Piquenique em Paquetá, minha mãe estava nesse piquenique, aquela barca de Paquetá grande, tudo lindo, assaram um leitão, assaram um porquinho levaram . Tudo bem, e a barca indo para Paquetá, de repente saiu uma confusão na barca, alguém... Sei lá, vai para lá, pula para cá, e pum o porco foi parar no mar, - alguém sabia nadar? - Não, perderam o porco. São essas coisas que existiam que são engraçadas e fazem parte da nossa história. Então esse tipo de Carnaval foi o que conheci.

Portanto, quando o Senhor Penteadado chegou para o Roberto e falou – Espere aí cara, eu tenho 60 anos de Vai-Vai e só saiu em uma Escola... Por que também mudou, Senhor Carlos, nunca vi naquela época ninguém, porta-bandeira mudar de Escola, compositor, não havia isso, quem era, era e não mudava nada. A partir do momento que o dinheiro entrou, que os caras disseram – bom se essa turma que chegou agora está ganhando dinheiro também vou querer o meu, vou me valorizar - e é por isso que troca intérprete, troca casal de porta-bandeira, troca todo mundo.

René Sobral está aí, você continua na Tom Maior, não é meu filho? E sempre, não é? Parabéns para você que se mantém na mesma Escola, você não tem 60 anos como o Senhor Penteadado, mas você é importante.

Então Senhor Penteadado, quando o Senhor falou para o Beto - quero falar – o Senhor tem legitimidade para dizer isso, porque 60 anos em uma só Escola de Samba não é brincadeira, isso realmente é fidelidade. Agora é assim, quando o Senhor fala que o pessoal, Comunidade do Terreiro, que eles não inventaram a roda e tal, eu até entendo, e o Senhor também deve ter muitas mágoas, mas o Senhor... O pessoal do santo, claro, o Senhor conhece o pessoal de matriz africana, o Senhor sabe que está havendo muita gente que o santo, e as casas de santo sejam criticados? Por que tem muitas pessoas que se dizem conhecedor, profundo, com turbante, mil pulseiras, anéis, e fico olhando assim e digo – Mas as velhinhas do santo não andavam assim - As achava muito simples, é porque as pessoas não passaram para eles de agora o “métier”.

Antigamente, e as mulheres vão entender o que vou falar, você curava qualquer coisa com uma folha porque tinha o ritual, o “métier” e ninguém sabia de nada. Daí começaram a ir para televisão, mostrar o trabalho, como faz e não sei o quê, livro, e vai perdendo sabe o quê? A essência. Hoje você faz 15 ebós, manda matar... Não resolve nada, e antigamente com uma folha você resolvia. Perdeu a essência. Agora quando as pessoas passam o saber para quem é de direito... Essa rapaziada da Comunidade de Terreiro, na verdade elas estão resgatando aquilo que acontecia lá atrás por que era assim que acontecia na casa da tia Ciata, na casa da tia Feliciano, na casa da Dona Neuma. O pessoal se reunia, uma cervejinha, uma comida simples, não sei o quê. Todo mundo comia, bebia, porque em casa de sambista tem fartura, casa de sambista não tem negócio de patê com pãozinho não, lá tem que ter o negócio, coisa boa, sustância, coisa... mulher de Samba sabe temperar, mulher de Samba sabe fazer comida, ela só não tem programa de televisão para ensinar como se faz comida, elas tem tempero, e é tudo limpinho, todo mundo limpa tudo, tudo legal.

Então, veja bem, essa questão das Comunidades de Terreiro aqui prova mais uma vez que São Paulo tem que ser respeitado na questão do Samba, porque essa rapaziada está resgatando do seu jeito, não tem patrocínio, não tem estrutura, não tem parceria do Poder Público nem municipal e nem estadual, afinal de contas não tem nada. Tem as amigadas, tem as pessoas que se reúnem, foi falado aqui que fazem um trocado, trocado de um e de outro e sustentam, pagam o aluguel, paga a luz, paga os músicos, e é desse jeito, só que acho que o Samba hoje é tão usado por tantas pessoas, porque na hora do glamour ele interessa.

Conheço muitas pessoas que moram em cobertura, muitas pessoas que têm muito dinheiro e diz assim – Ah! Vamos fazer um batuque lá em casa – e eu pergunto e o contrato, vou ganhar quanto, quanto o senhor vai me dar, cadê o faz-me rir, se não tiver o faz-me rir ninguém vai, não é isso? Então nós temos que nos impor, temos que nos impor, sim! Agora, o que não pode acontecer em São Paulo, e já tinha cantado a pedra lá atrás, falei para as meninas aqui negras e que eram rainhas de bateria – se vocês não abrirem os olhos vão tirar vocês da frente da bateria – e aconteceu, por que esses presidentes que aí estão, que não são sambistas, e querem mais é aparecer com

cordão de ouro na frente e coisa e tal, e no Rio é pior por que vai ele e a mulher, amante, não sei o quê. Vai todo mundo na frente da escola. Eu não entendo, a comissão de frente nem aparece, também, do jeito que está. Comissão de frente antigamente era uma coisa, era a Velha Guarda que era a comissão de frente, os mais velhos, as senhoras com seus tailleurs, os homens com seus ternos, não tinha esse negócio de fantasia. Agora o negro dá cambalhota, faz não sei o quê, cospe fogo, eu não entendo nada disso. A comissão de frente é quem apresenta a Escola, e quem apresenta a Escola é baluarte, só pode apresentar a Escola quem é baluarte.

E tem mais, se nós não tomarmos cuidado, daqui a pouco a coisa vai ficar pior. Gostaria, inclusive, foi dito aqui, o Senhor Carlão falou uma coisa, viu Senhor Carlão, eu gostaria... Meu Secretário Juca, o que eu solicitei ao Senhor a primeira vez que fui a seu Gabinete em relação à Velha Guarda? Eu gostaria que o senhor falasse, não quero nem falar.

JUCA FERREIRA

Secretário Municipal de Cultura de São Paulo

-Você é danada, disse a ela que falasse que não ia falar e ela me devolveu agora. Ela pediu que no próximo Carnaval tivesse um camarote para a Velha Guarda do Samba de São Paulo.

LECI BRANDÃO

Deputada Estadual - PCdoB, Presidente da Mesa, Presidente da Frente Parlamentar em Defesa da Cultura

- Isso é uma coisa que o Senhor sempre falou...

FERNANDO PENTEADO

Olhe gente, desculpe quebrar o protocolo, eu vou ficar que nem o Chapinha, daqui a pouco vou chorar, mesmo porque também estive em seu escritório, mesmo porque há mais de vinte anos que eu venho brigando para um espaço para a Velha Guarda do Samba de São Paulo, um local onde possamos assistir aos desfiles, não falo nem Carnaval, mas assistir aos desfiles. E vejam bem, nós da Associação

Independente Cultural da Velha Guarda do Samba do Estado de São Paulo, há coisa de três anos atrás conseguimos um espaço tímido, mas ninguém constrói casa pelo telhado, tem que fazer um bom alicerce, e estão fazendo aqui, e quero acreditar que estão fazendo um belo alicerce, para que os futuros desfiles de Escola de Samba, a Velha Guarda, não é cabelo branco que é a Velha Guarda do Samba, a Velha Guarda mesmo do Samba tenha um local para podermos assistir e ver o desfile das Escolas, e estamos conseguindo com vagar, com vagar estamos conseguindo. E, se Deus quiser, após essa política pública para a nossa cultura vamos conseguir, tenho certeza disso, tenho certeza. Obrigado.

LECI BRANDÃO

Deputada Estadual - PCdoB, Presidente da Mesa, Presidente da Frente Parlamentar em Defesa da Cultura

Nós só falamos essas coisas pelo seguinte, é que falaram aqui de protagonistas e falaram de coisas que eu acho assim importantíssima e que nós vamos ter que caminhar para frente. Quero dizer para rapaziada das Comunidades de Terreiro que o trabalho de vocês é importante, o que vocês estão fazendo é preservação, vocês estão fazendo resgate, e vocês também merecem muito respeito, porque isso é continuidade, isso é lealdade à história que está aqui, desses Senhores que estão aqui. Quero falar para Graça Braga, é uma pessoa que foi pouco citada aqui, que você é uma mulher negra, que sustenta a Comunidade de Samba lá no bar, do jeito que você pode, e do jeito que você entende, e eu tive o prazer de participar do seu projeto em homenagem ao sambista portelense Candeia. Muito obrigada pelo apoio que você me deu, e obrigada por você existir, viu?

Patrimônio Cultural da Cidade, isso é muito importante Secretário, Patrimônio Cultural da Cidade Samba, por que como o Senhor falou que do Brasil já existe, quero saber de São Paulo. Calendário Oficial da Cidade, o Samba tem que estar no Calendário Oficial da Cidade. As pessoas têm que vir aqui não só para fazer encontros econômicos, encontros empresariais, lançamento de automóveis, lançamento de imóveis, as pessoas também têm que frequentar, ter um livro, um catálogo, como disseram bem aqui, para que as pessoas saibam o que está acontecendo, porque ninguém sabe. O Samba da Vela o pessoal até conhece, Cha-

pinha já fez tanta divulgação e tem sempre uma matéria, e não sei o quê. Chapinha sabe que Samba da Vela as pessoas até conhecem; Centro Cultural para o Samba é importantíssimo que haja um Centro Cultural para o Samba.

O Secretário falou sobre a questão dos Pontos de Cultura. Ponto de Cultura é uma coisa maravilhosa, conheço vários Pontos de Cultura que abrangem tudo, tem teatro, tem vídeo, tem dança, tem hip hop, mas os Pontos de Cultura também têm que ter Samba, porque se não tiver ... E alguém aqui também me falou uma coisa importante que é assim: quando você tem um CD de Samba e leva a uma rádio o cara vira para você e diz assim – Aqui não pode tocar não porque minha rádio é MPB - MPB? É rádio MPB! Pessoal, Música Popular Brasileira, e o Samba não é MPB? Eu não entendo isso, é um erro da mídia, é um erro do Brasil – minha rádio é de MPB – e aí não toca samba.

Bem, não posso deixar de agradecer as pessoas que fazem parte da nossa equipe do Gabinete, porque sem eles eu não seria ninguém. Roberto Almeida, Julião, Rozina, Carla Nascimento, nossa assessora de comunicação; Paulo Henrique Ambrósio, que é do Samba, Eliane Dias, Dr. Elizeu Lopes, que é o nosso Chefe de Gabinete, Evandro, e mesmo aqueles que não puderam estar aqui quero agradecer porque todos contribuíram.

E tem uma coisa, não quero que ninguém me agradeça absolutamente nada, porque não estou fazendo favor a ninguém, eu sou uma pessoa que estou aqui por causa de vocês. Sempre convivi com vocês, tenho muito respeito por vocês, e é o que teria que fazer por vocês, é uma coisa natural. Se estamos aqui dentro e podemos fazer alguma coisa juntos, o Poder Executivo, no caso Municipal e o Estadual, para sermos reconhecidos e respeitados e termos inclusão ao acesso, isso aí é obrigação, não estou fazendo nada demais. Sou uma pessoa que antes de estar cantando e antes de estar parlamentando, sou cidadã, e como cidadã nós somos exatamente iguais. Eu quero agradecer aos homens, às mulheres, aos jovens, à criança que cantou aqui, e dizer a vocês que Deus dê a vocês muita saúde, muita paz de espírito, muita positividade, caminhos abertos. Por que eu quero muita saúde e muita paz de espírito? Porque ainda quero no ano que vem, não sei quando daqui a quanto tempo ou no Dia do Samba, não sei, mas



SAMBA DE SÃO PAULO

que a gente possa se reencontrar para celebrar, de fato, as políticas públicas que serão criadas.

Tenho certeza que meus assessores vão nos ajudar, porque cobrar vocês sabem que sei cobrar, bater na porta, bato também, eu não tenho vergonha de bater na porta de nenhuma Secretaria. Posso até receber um não, mas eu vou lá, e vou atrás, sabe por quê? Respeitamos todas as religiões, sou filha de Ogum e de Iansã e é por isso que respeito o meu povo, respeito minha religião e amo São Paulo, porque São Paulo, o Estado de São Paulo, a cidade de São Paulo, desde 1985 recuperou a minha carreira, me deu autoestima e me fez ser uma mulher conhecida em todo o Brasil. Obrigada São Paulo, em nome de minha mãe Lecy de Assumpção Brandão, por tudo aquilo que vocês fizeram por mim, que Deus os abençoe. Matilde, obrigada por tudo. Chilão, obrigada por tudo. Meu querido Juca, baiano arretado, valeu. Sérgio Tiezzi, se você não conhecia tudo aquilo que foi dito aqui, você vai conhecer porque você foi muito humilde, muito educado e muito elegante, que Deus te abençoe. Orlando, por que você inventou de eu ser candidata hein, rapaz? Botou-me nessa. E agora nós vamos encerrar com Chapinha e a turma para cantar uma...





PRINCIPAIS DEMANDAS E PROPOSTAS APRESENTADAS

A situação de invisibilidade do Samba em São Paulo ou mesmo visão preconceituosa do Poder Público.

Dificuldades de parcerias com o Poder Público para a realização de suas atividades, como por exemplo: apoio para estrutura, relação policlesca dos órgãos públicos locais – subprefeituras, polícia, agentes públicos de fiscalização, ou mesmo na utilização e nas agendas de atividades dos equipamentos públicos como casas de cultura, equipamentos educacionais (como os CEUS e Fábricas de Cultura).

Ausência de uma política pública que entenda, respeite e fortaleça o Samba a partir das mais variadas manifestações, que não acontecem apenas durante o Carnaval, mas sim durante o ano inteiro.

As comunidades, projetos, coletivos e rodas de samba acontecem o ano inteiro, dialogando permanentemente como a população da periferia onde a mesma está inserida, com ações sócio culturais, educacionais, constituindo-se como espaço de lazer, cultura, resgate da cidadania e entretenimento. Por isso há a necessidade de o Poder Público olhar estas manifestações com olhar afirmativo e parceiro para uma ação pública mais efetiva para o enfrentamento dos problemas sociais que essas comunidades vivem.

A implementação do Estatuto da Igualdade Racial, em especial no seu artigo nº 19, onde destaca-se “O poder público incentivará a celebração das personalidades e das datas comemorativas relacionadas à trajetória do samba e de outras manifestações culturais de matriz africana...”

Que os (parcos) recursos públicos destinados à cultura, em especial aos equipamentos culturais da cidade, sejam utilizados no fomento das manifestações culturais que ocorrem no entorno das mesmas e não apenas para manutenção de equipamentos.

A necessidade de democratização dos equipamentos e espaços culturais e que o samba esteja presente na agenda de eventos e atividades da cidade e do Estado, não apenas na superficialidade, mas como protagonista da agenda cultural.

A necessidade de mobilização e organização permanente do samba, em todas as suas manifestações. Destaca-se que não só estas comunidades passam pelo processo de invisibilidade, mas também as pequenas Escolas de Samba e as Velhas Guardas. Há a necessidade de uma luta política para que se inclua o Samba em todas as suas vertentes.

O Poder Público deve fazer um mapeamento das diversas manifestações do Samba no estado, incluindo rodas, comunidades, projetos, terreiros, espaços culturais, oficinas, pequenas e grandes escolas. Mapeamento que deverá estudar de forma mais detalhada as realidades de cada atividade/ação, públicos, suas deficiências e possibilidades, servindo de orientação para a construção da ponte de uma política pública afirmativa mais eficiente.

Reconhecimento do Samba e suas manifestações como patrimônio cultural do Estado de São Paulo e a criação de editais específicos que atendam as comunidades (e outros) do Samba.

Criação de um roteiro cultural/turístico permanente do Samba em São Paulo e capacitação dos agentes, lideranças e sambistas para acessar recursos públicos de maneira a fortalecer as atividades e experiências desenvolvidas.

Realização de um grande evento de samba, no formato da Virada Cultural, durante a semana que contenha o dia 2 de dezembro, o Dia Nacional do Samba.

Criação de equipes de apoio nas Secretarias de Cultura responsáveis por orientar, através de oficinas de capacitação, o conteúdo de editais públicos para artistas e grupos/comunidades interessados.

Criar uma política de resgate e preservação da memória do Samba, de forma a preservar as memórias vivas (Velha Guarda) e a documentação existente do Samba paulista.

Participação de sambistas e comunidades em espaços públicos de ação política na defesa do Samba, como audiências, conferências, conselhos e outros. Destacou-se a necessidade de uma maior organização do coletivo e um diálogo maior com outras manifestações do Samba.

PRINCIPAIS SUGESTÕES DE ENCAMINHAMENTOS

Reconhecimento do samba como patrimônio cultural da cidade de São Paulo e do Estado, a partir de ação articulada entre sociedade civil e Poder Público nas dimensões do Executivo e do Legislativo – via projeto de lei – PROPOSTA DO SECRETÁRIO JUCA FERREIRA.

Criação de um Centro de Referência do Samba na cidade de São Paulo - PROPOSTA DO SECRETÁRIO JUCA FERREIRA

Realização de uma grande atividade para o Dia Nacional do Samba, considerando as experiências já existentes - PROPOSTA DO SECRETÁRIO JUCA FERREIRA

Criar o espaço (camarote) para a Velha Guarda do Samba no Sambódromo de São Paulo.

Realização de pesquisa/mapeamento sobre o perfil do Samba no Estado. PROPOSTA DA PLENÁRIA E DO MANDATO DA DEPUTADA LECI BRANDÃO.

Realização de audiências públicas regionais no Estado para ampliação do debate para outras localidades. PROPOSTA DO MANDATO DA DEPUTADA LECI BRANDÃO.

Realização de Congresso/Seminário Estadual do Samba durante as atividades do Dia Nacional do Samba. PROPOSTA DO MANDATO DA DEPUTADA LECI BRANDÃO.

Estudo para a criação de edital específico em atenção às comunidades (e outros) do Samba. PROPOSTA DO SECRETÁRIO ADJUNTO DE CULTURA DO ESTADO SÉRGIO TIEZZI.

Participação do Coletivo nas Conferências Municipais e Estaduais de Promoção da Igualdade Racial e da Cultura. PROPOSTA DA PLENÁRIA.

Estímulo permanente à organização dos sambistas e de suas comunidades e/ou associações e organização de reuniões com as Secretarias presentes para estudar encaminhamentos da audiência. PROPOSTA DA PLENÁRIA.

Realização de encontro e/ou seminário do Coletivo de sambistas e comunidades sobre organização e ação política. PROPOSTA DA PLENÁRIA.

deputada estadual **LECI** 
BRANDÃO



**ASSEMBLEIA
LEGISLATIVA**